© 2001 Cosac & Naify Edições TÍTULO ORIGINAL *Urfaust* CAPA Jacque de Lajoue, *The Cabinet of Monsieur Bonnièr de la Mosson* [detalhe], *c.*1750. Sir Alfred Beit, Bart VERSO DA CAPA Odilon Redon, *Mephistopheles* [*il montre son ongle*], 1877. Coleção do Sr. e Sra. Eugene V. Thaw, Nova York PROJETO GRÁFICO E CAPA Raul Loureiro PESQUISA DE IMAGENS Raul Loureiro Rodrigo Lacerda Samuel Titan Jr Simone Rebelo PREPARAÇÃO Fábio Gonçalves REVISÃO Harue Ohara Avritscher Ana Paula Castellani TRADUÇÃO E INDICAÇÃO EDITORIAL Christine Röhrig

A editora agradece aos detentores dos direitos de imagem por autorizarem as reproduções aqui contidas. Àqueles que não foram localizados, asseguramos que todos os esforços foram envidados nesse sentido.

Catalogação na Fonte do Departamento Nacional do Livro
[Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil]

Goethe, J. W. von [1749–1832]
Título: *Fausto zero*
Tradução: Christine Röhrig
São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001
208 p.
ISBN 85-7503-096-5 CDD 832

1. Teatro. 2. Literatura 3. J. W. von Goethe

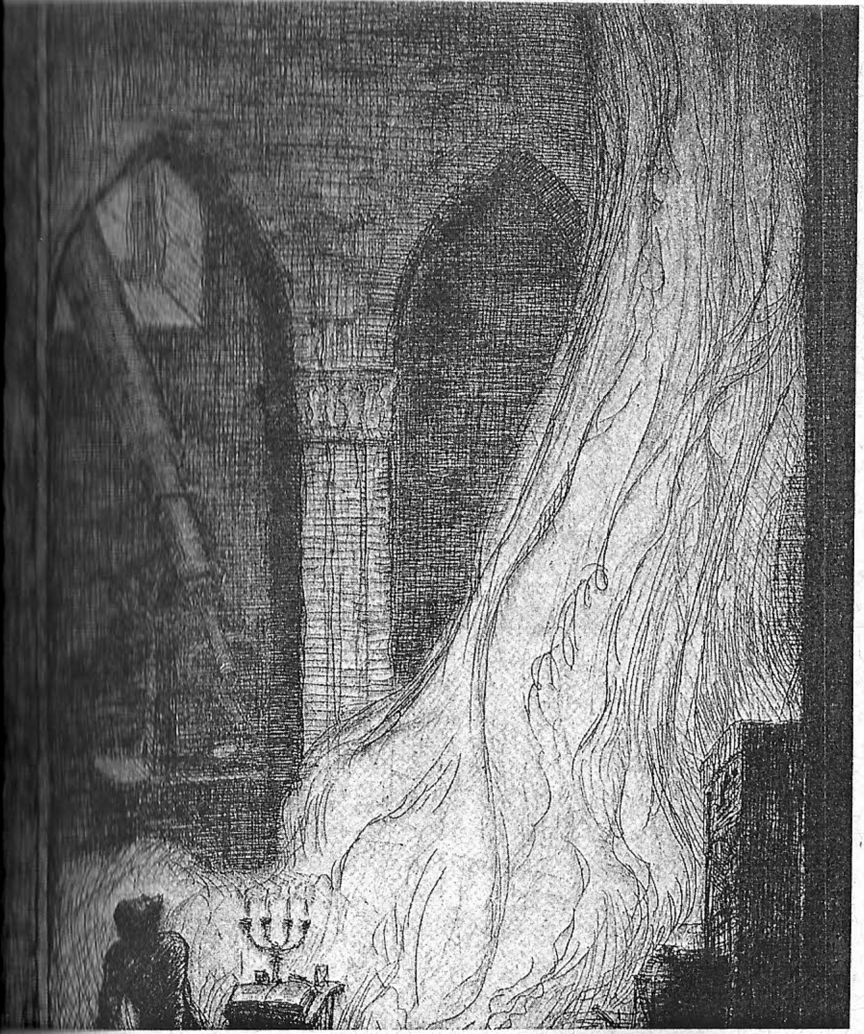
COSAC & NAIFY Rua General Jardim 770 2º andar 01223-010 São Paulo SP TEL 11 3218.1444
FAX 11 255.3364 info@cosacnaify.com.br

[Urfaust] Fausto zero

JOHANN WOLFGANG VON GOETHE

Noite

Num quarto gótico estreito, com abóbadas altas Fausto irrequieto sentado em sua poltrona junto à escrivaninha

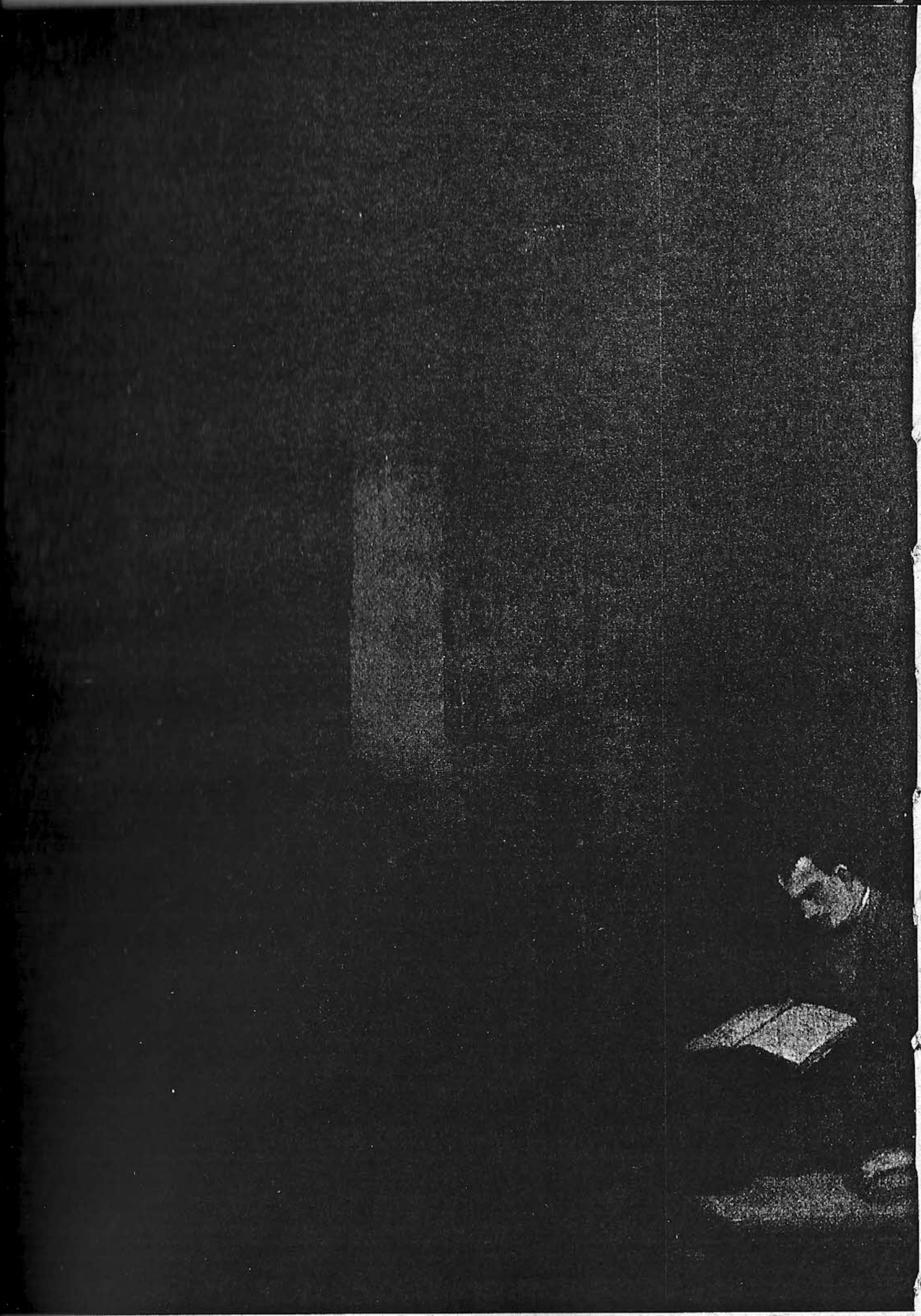


FAUSTO Ah, estudei até a exaustão a filosofia,
A medicina e a jurisprudência
E infelizmente também a teologia,
Tudo com a maior paciência.
Mas eis-me aqui, pobre ignorante,
Não mais sabido do que antes.
Sou professor, doutor até,
Há dez anos eu fico atrás
Dos meus alunos sem parar.
Estudar, estudar e estudar!
Mas vi que não é possível saber
E isso dilacera o meu coração.
Na verdade, sou mais inteligente do que esses paspalhos —
Doutores, professores, escritores e padres.
Não tenho escrúpulos, nem dúvidas me assolam,
Não temo nem o inferno, nem o diabo.
Porém, a alegria me foi roubada.
Não tenho mais a ilusão de saber,
Não tenho mais a ilusão de poder ensinar
Aos homens para melhorá-los ou convertê-los;
Também não tenho bens, muito menos dinheiro,
Nem honra, nem glória no mundo.
Nem mesmo um cão viveria desse jeito!
Por isso entreguei-me à magia,
Para ver se, por força do espírito e da palavra,
Consigo desvendar alguns mistérios.
Para que eu não fale mais, com suor azedo,
Daquilo que não sei.

Para que eu conheça o que o mundo
Esconde em seu âmago profundo
E possa observar toda eficácia e sêmen
E não fique remexendo nas palavras.

Oh, lua cheia, se contemplasses
Pela última vez o meu sofrimento,
Com que tantas vezes à meia-noite velei
Junto a esta escrivaninha!
Até que sobre livros e papel
Surgisses para mim, melancólica amiga.
Ah, se eu pudesse vaguear sobre montanhas,
Iluminado por tua doce luz
E flutuar com espíritos pelas grutas,
Tecer, na tua aurora, sobre a relva dos prados
E, livre de todo o martírio do saber,
Banhar-me saudável em teu orvalho!

Lástima! Ainda estou encalhado nesta cela?
Maldito buraco abafado na parede,
Onde mesmo a boa luz do céu
Penetra, opaca, por vidraças pintadas!
Oprimido por toda esta montanha de livros
Corroída por vermes, coberta de pó
E a parede forrada, até o topo da cimeira,
com papel embolorado,
Entulhada de frascos, latas por todo lado,
Instrumentos amontoados,



Entupida de trastes e conselhos dos antepassados.
Este é o teu mundo, isso é um mundo!

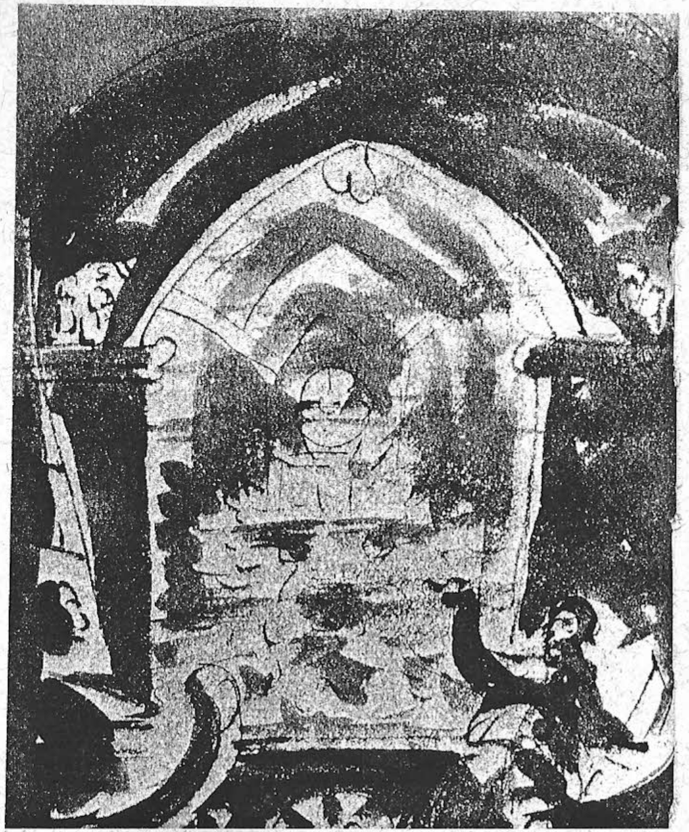
E ainda perguntas por que teu coração
Se comprime assim no peito?
Por que uma dor inexplicável
Inibe toda a tua força de vontade?
Em vez de toda natureza viva
Em que Deus criou os homens,
Cercam-te fumaça, bolor,
Esqueletos de animais e pés mortos.

Foge! Anda! Lança-te ao campo aberto!
Este livro misterioso,
Escrito pela própria mão de Nostradamus,
Não basta para te acompanhar?
Então reconheces a rota das estrelas
E quando a natureza te instrui,
Como um espírito fala a outro,
Em ti se acende a força da alma.
Em vão o sentido árido aqui
Te explica o sinal sagrado.
Espíritos que flutuam ao meu lado,
Respondam se estiverem me ouvindo!

[*Abre o livro e avista o sinal do Macrocosmo.*]

Ah! Que encanto flui nessa visão

De repente por todos os meus sentidos.
Sinto vigor, vida nova, sagrada,
Sinto fervor fluir por nervos e veias.
Terá sido um Deus que escreveu esses sinais
Que calam toda a fúria interior,
Enchendo o pobre coração de alegria
E, com ímpeto misterioso,
Revelam as forças da natureza?
Sou eu um Deus? Sinto-me luz!
Nestes traços puros, vejo
A natureza eficaz deitar-se diante da minha alma.
Só agora reconheço o que o sábio diz:
"O mundo dos espíritos não está trancado,
Teu senso está fechado, teu coração morto.
Anda! Banha, discípulo, animado
O peito terrestre na luz da aurora!".



[*Examina o signo.*]

Como tudo num todo se urde,
Um no outro age e vive!
Como sobem e descem as forças celestes
E se estendem os cântaros dourados!
Oscilando, o aroma divino
Do céu penetra a Terra,
Para em tudo harmônico soar o todo!

Que espetáculo! Mas, só espetáculo!!

Como capturar-te, natureza infinita?
Teus seios onde? Oh, fontes de toda vida,
Em que o céu e a terra se penduram,
E que o peito exausto procura —
Correis, nutris e lânguido permaneço?

[*Folheia irritado o livro e avista o signo do Espírito da Terra.*]

Que efeito diferente este signo está provocando em mim!
Tu, Espírito da Terra, estás mais próximo;
Já sinto minhas forças aumentando;
Já enrubesço como pelo vinho novo.
Sinto coragem de lançar-me ao mundo,
E carregar toda sua dor e sua sorte,
De lutar contra a tempestade,
De não temer os rangidos do naufrágio.
Encobre-se o céu sobre mim —
A lua esconde sua luz!
A lâmpada oscila!
Sobe um vapor! Raios vermelhos faíscam
Em volta da minha cabeça. Do alto da abóbada
Sopra um calafrio
E me toca.
Eu sinto, flutuas ao meu redor,
Espírito que invoquei!
Revela-te!
Ah, como se dilacera o meu coração!
Para novos sentimentos,

Todos os meus sentidos se agitam!
Sinto todo o meu coração entregue a ti!
Aparece! Aparece! Ainda que me custe a vida!

[*Agarra o livro e com voz de mistério enuncia o signo do espírito. Uma chama vermelha corisca. Nela surge o espírito, demonstrando desagrado.*]

ESPÍRITO Quem me chama?

FAUSTO [*esquivando-se*] Que semblante repugnante!

ESPÍRITO Me invocaste com toda força,
Teu sopro afetou a minha esfera
E agora...

FAUSTO Ah! Não te suporto.

ESPÍRITO Imploras aspirando me ver,
Ouvir a minha voz, olhar o meu semblante.
Curvo-me à forte súplica da tua alma.
Cá estou eu! Que miserável temor
Apropria-se de ti, super-homem! Onde está o clamor da alma?
Onde está o peito que gerou um mundo em si
E o carregou, o fecundou e, tremendo de alegria,
Inflou-se ousando elevar-se para se igualar a nós, espíritos?
Onde estás, Fausto? Cuja voz ecoou em mim!
Tu que me chamaste aqui com toda força?

Tu! Que mal farejas o meu hálito,
Já treme em toda profundeza da vida,
Um verme retorcido pelo medo.

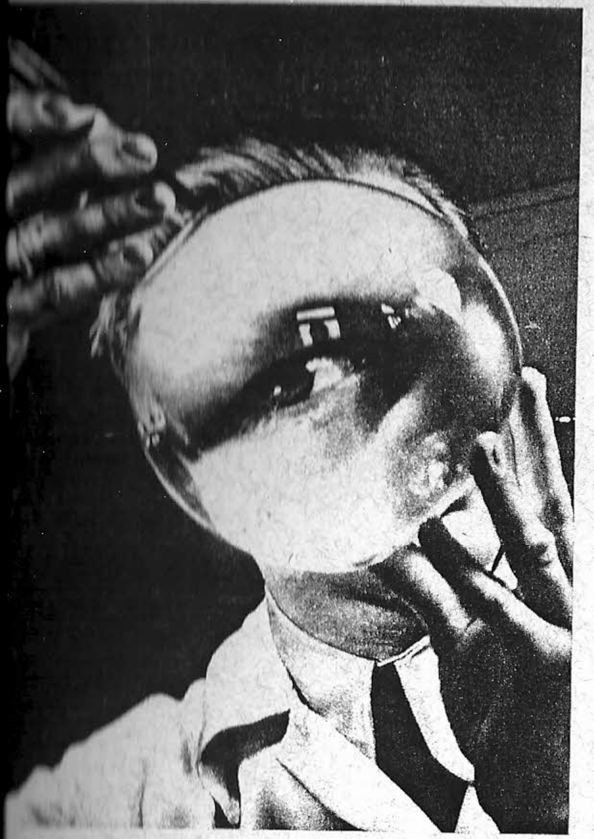
FAUSTO Fugir de quem, de ti, vulto em chamas?
Sou eu, Fausto, teu igual.

ESPÍRITO Na maré da vida e na tempestade da ação
Subo e desço flutuando,
Venho e vou urdindo!
Nascimento e morte,
Um mar eterno,
Uma vida em mutação!
Assim labuto no sibilante tear do tempo
E teço as vestimentas vivas da divindade.

FAUSTO Tu que pairas ao redor desse mundo imenso,
Espírito ativo, quão próximo me sinto de ti!

ESPÍRITO Tu te igualas ao espírito que concebes,
Não a mim! [*Desaparece.*]

FAUSTO [*desmoronando*] Não a ti?
A quem, então?
Eu, cópia de Deus,
Não igualo nem mesmo a ti? [*Batem à porta.*]
Oh morte! Eu sei, só pode ser o meu discípulo.
Isso acaba de aniquilar comigo de vez!



Por que esse fanático lacônico
Tem de atrapalhar a plenitude dessa visão!?

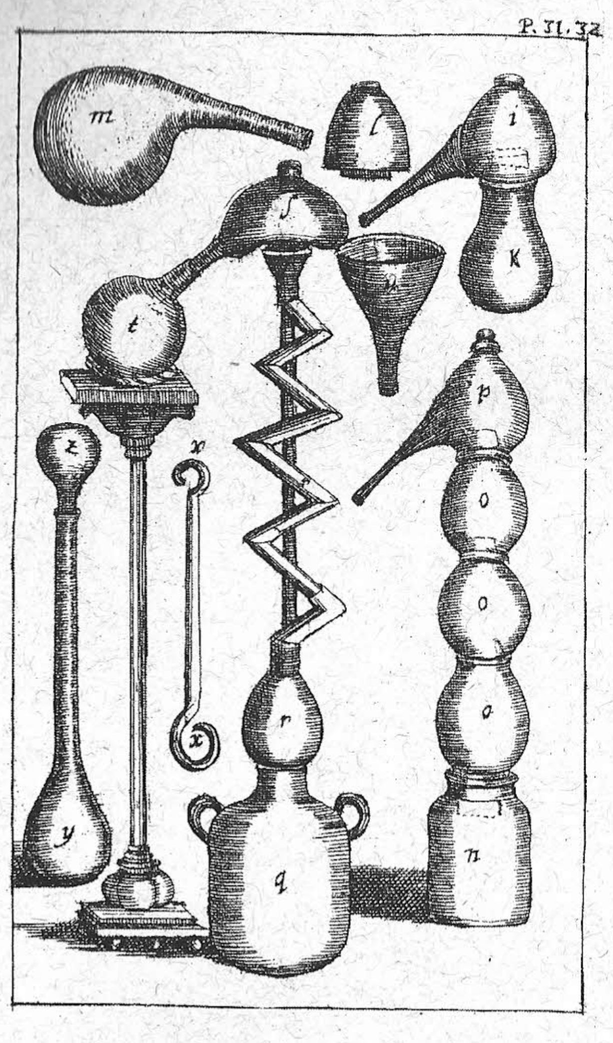
[*Entra Wagner de roupão e touca de dormir, um lampião na mão. Fausto volta-se impaciente.*]

WAGNER Perdão, ouvi-vos declamar.
Decerto líeis uma tragédia grega?
Desejo me aperfeiçoar nessa arte,
Pois tem muito valor hoje em dia;
Já ouvi dizer diversas vezes
Que um comediante poderia ensinar a um padre.

FAUSTO É, se o padre for um comediante;
Como tem acontecido ultimamente.

WAGNER Ah, quando se está preso ao proscrito,
Só vendo o mundo de vez em quando, nos feriados,
Com efeito, não se sabe como levá-lo às coisas boas
Só por meio de palavrório.

FAUSTO Não se alcança jamais o que não se sente,
Se não se trespassa a alma
E não se domina com genuíno prazer
O coração de todos os ouvintes.
Fica-se um tempo colando as partes,
Prepara-se um ragu com iguarias de outros
E as miseráveis chamas se apagam



No montinho de cinzas!
Admiração terás das crianças e dos macacos
Se isso te apraz.
Mas nunca falarás do coração ao coração,
Se a palavra não partir do próprio coração.

WAGNER O próprio discurso já é de grande utilidade ao orador.

FAUSTO Que discurso! Só é bom para fantoches.
Meu caro senhor mestre, tenha a força!
Não sejas um louco ressonante!
Acaso a amizade, o amor e a irmandade
Não se apresentam espontaneamente?
E se algo de sério tiver de ser dito,
Será mesmo preciso correr no encalço das palavras?
E todos os discursos que reluzem,
Com os enfeites da frivolidade humana,
Agradam tão pouco quanto o vento nebuloso,
Que zune pelas folhas secas de outono.

WAGNER Meu Deus! A arte é longa
E curta a nossa vida!
Confesso que as minhas pretensões críticas
Deixam minha cabeça e meu peito inquietos.
Como é difícil conquistar os meios
Pelos quais alcançamos a fonte!
E mal chega à metade do caminho,
O pobre diabo já morre.

FAUSTO Será a escritura, a fonte divina
Que sacia a sede para sempre?
Não haverá alívio se
Não vier da própria alma.

WAGNER Perdoai, mas é um enorme deleite
Transportar-se para o espírito do tempo
E ver como pensava o sábio antes de nós
E como, afinal, fomos esplendidamente longe.

FAUSTO Ah, sim, até as estrelas!
Meu amigo, os tempos do passado
São para nós um livro com sete chaves.
O que chamas de espírito do tempo
É, no fundo, o próprio espírito dos autores
Em que os tempos se refletem.
Eis que em verdade, na maioria das vezes, é lamentável!
Uma espiada basta para querermos fugir.
Um barril de lixo, um velho depósito,
Quando muito uma prosopopéia.
Com máximas pragmáticas oportunas,
Assim como convém à boca de fantoches.

WAGNER Já o mundo! O coração e o espírito dos homens!
Qualquer um gostaria de conhecer alguma coisa sobre isso.

FAUSTO É, o que se chama de conhecer!
Quem pode chamar a criança pelo nome certo?

Os poucos que conheciam alguma coisa,
Loucos o bastante para não guardar o coração cheio,
Que revelaram ao povo o sentimento, a visão,
Acabaram sempre crucificados e queimados.
Eu te peço, amigo, já é tarde da noite,
Desta vez teremos de interromper.

WAGNER Eu apreciaria ficar até o amanhecer
Para manter tão ilustrada conversação convosco.

[*Sai.*]

FAUSTO Como pode essa cabeça não perder toda a esperança,
Sempre fixa em matéria insípida,
Com mãos ávidas cava em busca de tesouro,
Mas, se encontra minhocas, já se contenta.

[*Mefistófeles, de roupão, e com uma longa peruca. Estudante.*][1]

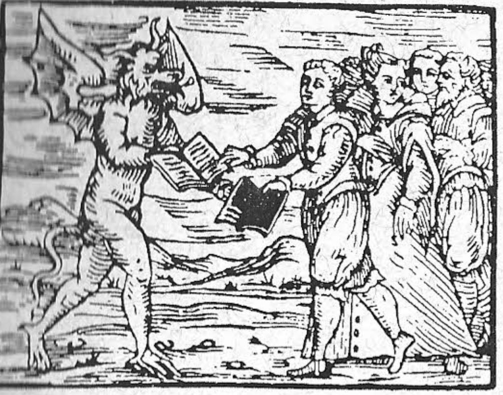
ESTUDANTE Estou aqui há pouco tempo
E venho, com total submissão,
Falar e conhecer
Um homem de quem só se fala com veneração.

MEFISTÓFELES Sua gentileza me alegra muito
Mas está a sua frente um homem comum.
O senhor já deu uma espiada por aí?

1. No *Fausto zero* não existe a cena em que o protagonista estabelece seu pacto demoníaco com Mefistófeles, que ocorre longe dos olhos do público, entre o diálogo de Fausto e Wagner e a entrada de Mefistófeles e do estudante. Instaura-se aqui, portanto, uma passageira quebra no fluxo natural da ação. Tal quebra já foi explicada, e cenicamente "resolvida", de várias maneiras. Muito provavelmente, por ser a história de Fausto e de seu pacto amplamente difundida na Alemanha de Goethe, e sobretudo por ser a extrema economia dramática uma característica marcante neste *Fausto zero*, o autor não tenha sentido necessidade de incluí-la nesta primeira versão da peça.

Mas a cena entre Mefistófeles e o estudante, embora algo estranha ao fluxo narrativo, explicita alguns conteúdos importantes. Enquanto o jovem planeja dedicar-se ao domínio da medicina, Mefistófeles, disfarçado de acadêmico, sugere-lhe o estudo introdutório da filosofia, o que evidencia a disparidade entre o esperançoso principiante e o professor desiludido com a ciência. Assim, essa pequena sátira promovida por Mefistófeles espelha um dos motivos centrais do protagonista.

Mas, além de uma sátira à ciência, há ecos autobiográficos nesta cena entre o estudante e Mefistófeles, que estendem o teor satírico dos versos também à universidade e às relações da vida estudantil da época. Ao menos assim parece indicar um episódio ocorrido em 1776 e contido no livro de memórias de Goethe, *Dichtung und Wahrheit*, no qual é descrita a visita que ele, ainda estudante, e seu futuro cunhado fizeram a um tal professor Gottsched. Escreve Goethe: "Assim que entramos, deparamo-nos com



uma cena excepcional, pois nesse momento Gottsched, homem imenso e narigudo, trajando um roupão de damasco verde forrado com cetim vermelho, acabara de entrar pela porta oposta; sua cabeça descomunal exibia uma careca e estava descoberta. Eram necessárias providências urgentes, tanto que o criado, com ares de pavor, surge por uma outra porta lateral carregando uma imensa peruca, cujos cachos alcançavam seus cotovelos, e entrega a jóia ao seu senhorio. Gottsched, sem externar o mínimo aborrecimento, pega a peruca com a mão esquerda e, ao mesmo tempo que habilmente a lança sobre a cabeça, com a mão direita tasca uma bofetada no rosto do criado, de modo que este, como costuma acontecer numa comédia, rodopiando, dirige-se à porta de saída, enquanto o ancião indica-nos assentos e emenda um solene discurso sobre bons modos". Certamente não é por acaso que Mefistófeles entra em cena vestindo um roupão e com uma longa peruca.

Na versão definitiva da peça, há uma cena própria para o pacto entre Fausto e Mefistófeles. Este aparece primeiro na forma de um cão, que entra no quarto de Fausto pela porta deixada aberta, e se esconde atrás do fogão. Mais tarde, já como Mefistófeles, surge detrás do fogão em trajes de estudante.

Nos excertos que seguem, procuro mostrar como se dá o pacto entre Fausto e Mefistófeles na versão final da peça.

Diante de Mefistófeles, Fausto diz:
O recheio do cão cifrou-se nisto!
Um viandante escolar! Faz rir.

Em seguida, Fausto pergunta como ele se chama e quem é.

Mefistófeles reponde:
Quem eu sou? Parte da força
que, empenhada no mal, o bem
promove.
[...]
Sou o espírito
Que estorva sempre. E com
razão, pois tudo
Quanto nasceu merece [ser]
aniquilado;
Portanto era melhor não ter
nascido.
Meu elemento é o que chamais
vós outros
Destruição, Pecado, o Mal,
em suma.

ESTUDANTE Peço-vos que me aceiteis!
Venho com a cara e a coragem
Algum dinheiro e minha mocidade.
Minha mãe não queria me largar
Mas eu gostaria de aprender alguma coisa de verdade.

MEFISTÓFELES Então, está no lugar certo.

ESTUDANTE Sinceramente! Já estou com vontade de ir embora!
Tudo parece tão árido ao redor
Como se a fome estivesse em toda parte.

MEFISTÓFELES Ora! Não preste muita atenção nisso,
Aqui os estudantes são o alimento.
Mas, antes, onde o senhor irá ficar?
Isso é o mais importante!

ESTUDANTE Vossa Senhoria talvez possa me aconselhar!
Sou mesmo um cordeiro errante,
Quero todo o bem de uma vez abarcar
E que o mal fique bem longe.
E quero também a liberdade e a diversão, é claro!
Mas quero também estudar seriamente,
Mergulhar de cabeça até as orelhas!
Ó Senhor, ajude que à minha alma
Nunca falte o bom caráter.

MEFISTÓFELES [*coça-se*] O senhor dizia que não tem alojamento?

Mefistófeles não consegue sair do quarto devido a certa mágica no umbral interno da janela, um pentagrama mal traçado (o ângulo que aponta para fora não está fechado completamente), e explica:
É uma lei de espectros e
demônios:
Sai-se por onde se entra;
à entrada livres,
Forçados no sair.

Fausto:
Regulamentos
Até no inferno! Bravo! Então
convosco
Também, senhores meus,
pode haver pactos?

Mefistófeles pede então que Fausto o deixe ir embora.

Fausto: *Não te armei laço*
algum. Se estás na rede,
Foi por teu alvedrio. Asno
me julgas
Que havendo às mãos o demo,
o lance a monte,
E fique de boca aberta a ver
se torna?

Mefistófeles: *Mui bem.*
Se leva em gosto a convivência;
Também eu; já não parto.
O que lhe ponho
Por condição é que há de
permitir-me
Entretê-lo tão só co'as minhas
artes.
É nobre passatempo.

FAUSTO: *Assino, pondo*
Por condição também,
que tais artes
Me possam divertir.

Fausto então adormece.

Na próxima cena batem à porta de Fausto. É Mefistófeles. Fausto convida-o a entrar e Mefistófeles pede que o convide três vezes. Fausto atende ao pedido. Mefistófeles se oferece a Fausto como criado, companheiro e o mais pontual dos servos. Fausto pergunta o que espera como pagamento. Mefistófeles diz que depois eles acertam suas contas.

FAUSTO: *Pouco me afreimo*
Do teu depois e mais do teu lá
embaixo!
[...]
Que me interessa
Que lá se odeie ou se ame?
Haja ou não haja
Um abaixo e um acima?

MEFISTÓFELES: *Então já pode*
No pacto conchavar-se.
[...]

ESTUDANTE Ainda nem procurei saber.
A minha pensão me alimenta bastante bem;
A mocinha de lá cuida de tudo.

MEFISTÓFELES Deus o guarde, isso vai levá-lo longe!
Café e bilhar! Ai do jogo!
As mocinhas, bem, elas vivem correndo atrás!
Gaste seu tempo no "corre-carícia".
Em contrapartida, apreciamos bastante
Que todos os estudantes, perto e longe,
Venham rastejando, pelo menos uma vez por semana,
Sob o salto do nosso sapato.
E aquele que for bem bajulador,
Terá lugar à nossa direita.

ESTUDANTE Estou ficando horrorizado!

MEFISTÓFELES Isso não faz mal algum.
Vamos prosseguir com o alojamento.
Eu não saberia indicar-lhe nada melhor
Do que ir amanhã mesmo até a Dona Malzbier.
Ela entende de estudantes...
Tem a casa cheia de cima a baixo,
E sabe bem o que deve fazer.
Embora a Arca de Noé fosse mais limpinha,
Mas lá é desse jeito.
O senhor paga o que os outros pagavam,
Aqueles que rabiscavam o nome no mictório.

FAUSTO: *Se uma vez só com falsas louvaminhas*
Chegares por tal arte a alucinar-me
Que eu me agrade a mim próprio; se valeres
A cativar-me com deleites frívolos,
Súbito a luz da vida se me apague.
Vá! Queres apostar?

Mefistófeles
Se quero! Aposto.

FAUSTO: *Aperto mais: se me chegar o momento*
A que eu diga: "Demora-te! És formoso!"
Então aos teus grilhões entrego os pulsos;
Então a morte aceito; os sinos dobrem;...

E, mais adiante, Fausto arregaça a manga do braço esquerdo e Mefistófeles pica-lhe a veia; Fausto molha no sangue a pena e assina com ela o pergaminho que Mefistófeles lhe apresenta.

Mefistófeles, só, voltado para a porta por onde saiu Fausto, diz:
Descarta-te do siso e da ciência,
Máximas forças do homem!
Crê somente
Nas ficções dos espíritos falazes,
E és meu sem redenção! Deu-te o destino
Alma que, desdenhando os bens do mundo,
Só aspira vaidosa a bens sem termo.
Com este posso eu bem...
...Dar-se ao diabo este asneirão foi luxo,
que ele ia ao fundo pelo próprio peso.

[Os diálogos citados são da tradução de 1872 de Antônio Feliciano de Castilho, publicada pela Ediouro, s.d.]

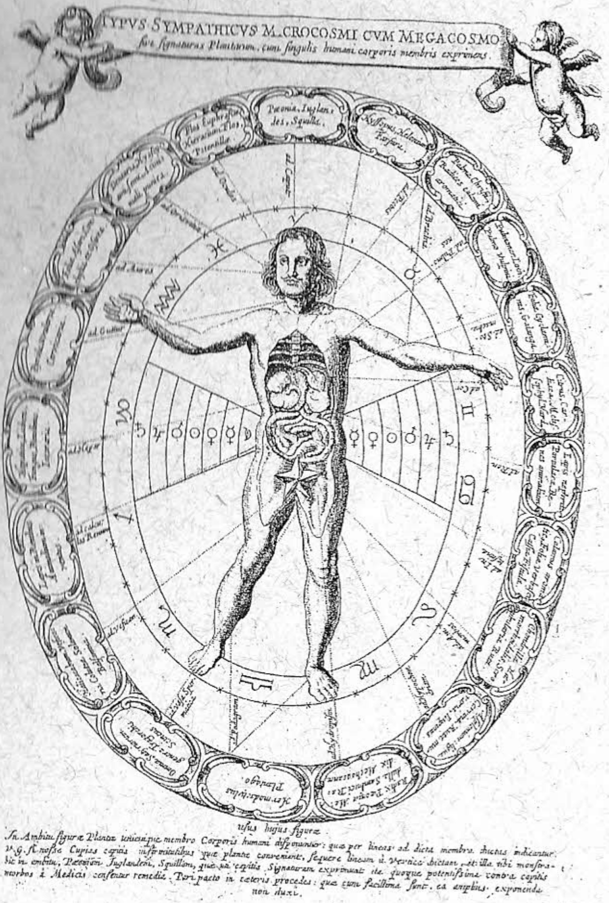
ESTUDANTE Meu coração está ficando tão apertado
Como ficava em casa, no tempo do colégio.

MEFISTÓFELES Bom, agora que resolvemos a questão do alojamento,
Trataremos da sua escrivaninha mediante pagamento!

ESTUDANTE Eu acho que isso se arranja.
Ainda mais para quem falava em ampliar o espírito.

MEFISTÓFELES Meu querido! Certamente irão estragá-lo com muito mimo.
O senhor não conhece o espírito acadêmico.
Esqueça a mesa da mamãe,
Água limpa, manteiga,
No lugar de germe de lúpulo, de verdura fresquinha,
Aprecia-se com gratidão urtigas doces,
Que provocam uma evacuação de ganso.
Mas não se fixe muito nisso,
Carneiros e vitelas fazem evoluções sem fim,
Como o firmamento do nosso Senhor.
Mas terá deduzido do seu pagamento
Aquilo que o anterior ficou devendo.
Cuide bem de sua carteira,
Especialmente não a empreste a amigos
Mas honre sempre com pronto pagamento
O garçom, o alfaiate e o professor.

ESTUDANTE Reverendo senhor, isso se arranja.


TYPUS SYMPATHICUS MICROCOSMI CUM MEGACOSMO

Mas peço-vos que me orienteis!
O campo da sabedoria está aberto para mim,
Apreciaria me atirar nele correndo,
Mas tudo parece tão colorido e eriçado por um lado,
E também deserto e árido, por outro.
De longe eu ficava imaginando
O Olimpo repleto de fontes frescas.

MEFISTÓFELES Antes de prosseguir me diga
Que faculdade escolheu?

ESTUDANTE Na verdade deveria tornar-me médico,
Mas queria conhecer tudo da terra,
Do céu e da natureza,
Tanto quanto o meu espírito puder captar.

MEFISTÓFELES Está no caminho certo,
Mas não permita se dispersar.
Por isso meu fiel amigo eu aconselho
Primeiro o Collegium Logicum.
Ali seu espírito será devidamente adestrado
E ganhará o cadarço das botas espanholas,
Para que se esgueire, mais cauteloso,
Nas vias do pensamento
E não siga ziguezagueando,
Errante, feito fogo-fátuo pelo caminho.
Depois, um dia, receberás o ensinamento
De que, aquilo que fazia de um só golpe,

Como comer e beber livremente —
Um, dois, três — é indispensável.
A verdade é que a fábrica de pensamentos
É tal qual o ofício do tecelão,
Em que um passo move milhares de fios,
As navetas cruzam de um lado a outro,
Os fios deslizam sem serem vistos
E mil nós se formam de uma só vez.
O filósofo vem
Para demonstrar que é assim que deve ser.
Que o primeiro era assim, o segundo assim,
E por isso o terceiro e o quarto são assado.
E não fossem o primeiro e o segundo,
O terceiro e o quarto não seriam jamais.
Os alunos de toda parte louvam isso
Mas nunca se tornam tecelões.
Quem quer reconhecer e descrever o que está vivo,
Tem antes de atrair o espírito para fora,
Aí terá as partes nas mãos
Mas, infelizmente, faltará ainda o vínculo espiritual.
A química chama isso de *encheiresin naturae*!
Faz-se burra e não sabe como.

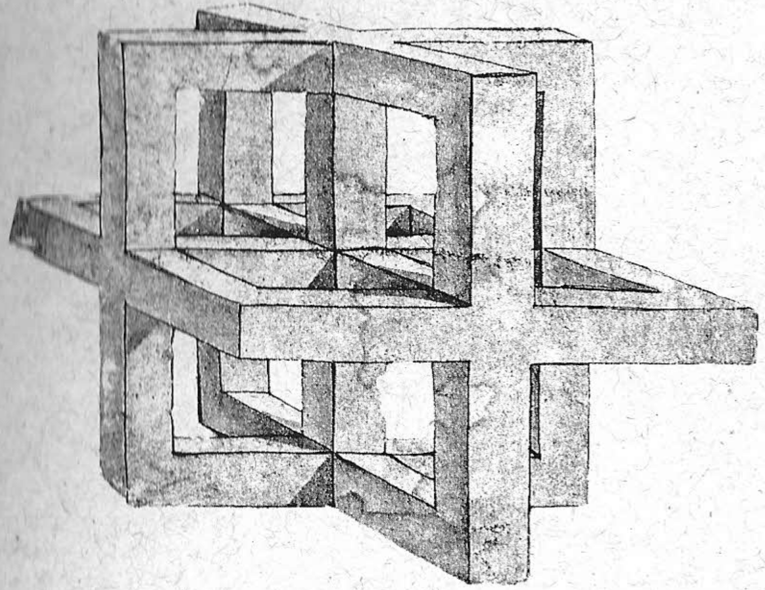
ESTUDANTE Não consigo entender-vos completamente.

MEFISTÓFELES Isso vai melhorar com o tempo,
Quando aprender a reduzir tudo
E a classificar devidamente.

ESTUDANTE Isso tudo está me deixando meio zonzo,
É como se uma roda de moinho girasse na minha cabeça.

MEFISTÓFELES E depois, antes de tudo,
O senhor deve abraçar a metafísica
E ver se capta, no sentido profundo,
O que não entra na cabeça do homem,
Que para o que nela entra e o que não entra,
Existe sempre uma ótima palavra à disposição.
Mas antes, nesse primeiro semestre,
Trate de zelar pela ordem com afinco.
São cinco horas diárias,
Esteja dentro ao tocar o sino.
É claro que em casa o senhor se preparou,
Estudou os parágrafos,
Para depois ver melhor
Que o professor não diz nada além do que está no livro.
Mas deve dedicar-se à escrita
Como se o ditasse o Espírito Santo.

ESTUDANTE Perdoai, se tomo vosso tempo com tantas perguntas,
Mas eu ainda preciso vos dar trabalho:
Será que falaríeis um pouquinho
Sobre o estudo da medicina?
Três anos é pouco tempo,
E, Deus! O campo é amplo demais.
Uma pequena indicação,
Já é bastante para se avaliar um pouco melhor.



MEFISTÓFELES [*em voz baixa*] Estou farto desse tom professoral,
Vou voltar a fazer o diabo.
[*Em voz alta*] É fácil captar o espírito da medicina.
Estuda-se bem o mundo grande e o pequeno
Para, afinal, deixar que ande
Como Deus quiser.
Em vão se vagueia cientificamente ao redor;
Cada um só apreende aquilo que pode.
Mas aquele que agarra o instante,
Este é o homem certo.
O senhor é bem-apanhado,
Não lhe faltará também a ousadia
E quando a gente em si mesmo confia
Outros também confiarão.
Aprenda, principalmente, a conduzir o mulherio!
Seus eternos ais e uis,
Tão multifacetados,
Curáveis em um ponto só.
É só mostrar-se um pouco honrado
Para tê-las todas a seu lado.
No início, um título é necessário para acreditarem
Que a sua arte supera muitas artes.
Logo de chegada apalpe-lhes as sete partes
Que outro durante anos só conseguiu roçar.
Saiba apertar o pulso com jeito
E, com olhar esperto e ardente,
Passe o braço pelas ancas finas
E avalie o quanto estão atadas.

ESTUDANTE Isso já parece melhor do que a filosofia.

MEFISTÓFELES Cinza, meu caro amigo, é toda a teoria
E verde a árvore dourada da vida.

ESTUDANTE Eu vos juro, tudo parece um sonho.
Será que posso importunar outras vezes
Para ouvir a fundo vossa sabedoria?

MEFISTÓFELES No que puder, estou às ordens.

ESTUDANTE Não posso ir embora de jeito algum,
Sem vos entregar o meu álbum —
Se Vossa Senhoria fizer o favor de me conceder um registro.

MEFISTÓFELES Muito bem. [*Escreve e devolve.*]

ESTUDANTE [*lê*] *Eritis sicut Deus scientes bonum et malum.*
[*Fecha o álbum com reverência e se despede.*]

MEFISTÓFELES É só seguir o velho ditado da minha comadre, a cobra —
Um dia, com certeza, irá afligi-lo a semelhança divina.

ESTUDANTE Isso já parece melhor do que a filosofia.

MEFISTÓFELES Cinza, meu caro amigo, é toda a teoria
E verde a árvore dourada da vida.

ESTUDANTE Eu vos juro, tudo parece um sonho.
Será que posso importunar outras vezes
Para ouvir a fundo vossa sabedoria?

MEFISTÓFELES No que puder, estou às ordens.

ESTUDANTE Não posso ir embora de jeito algum,
Sem vos entregar o meu álbum —
Se Vossa Senhoria fizer o favor de me conceder um registro.

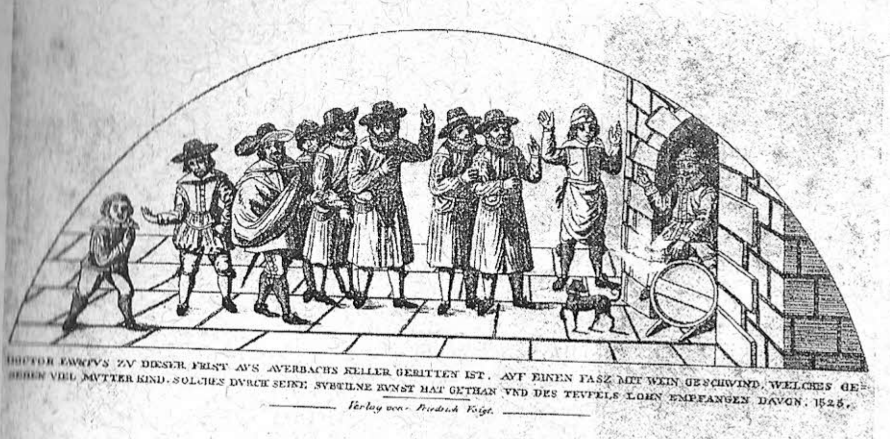
MEFISTÓFELES Muito bem. [*Escreve e devolve.*]

ESTUDANTE [*lê*] *Eritis sicut Deus scientes bonum et malum.*
[*Fecha o álbum com reverência e se despede.*]

MEFISTÓFELES É só seguir o velho ditado da minha comadre, a cobra —
Um dia, com certeza, irá afligi-lo a semelhança divina.

Na Taberna de Auerbach em Leipzig

Grupo de amigos festejando


DOCTOR FAVSTVS ZV DIESER FRIST AVS AVERBACHS KELLER GERITTEN IST. AVF EINEN FASZ MIT WEIN GESCHWIND, WELCHES GE-
SEHEN VIEL MVTTER KIND. SOLCHES DVRCH SEINE SVBTILNE KVNST HAT GETHAN VND DES TEVFELS LOHN EMPFANGEN DAVON. 1525.
Verlag von Friedrich Voigt.

FROSCH Ninguém quer beber, ninguém quer dar risada?
Vou ensiná-los a fazer careta!
Hoje estão parecendo palha molhada —
Vocês que sempre são o próprio fogo em brasa.

BRANDER A culpa é sua, por não trazer nenhuma novidade, nenhuma bobagem, nenhuma sujeira.

FROSCH [*derrama um copo de vinho sobre a cabeça dele*]
Pronto. Agora você tem as duas coisas.

BRANDER Asno! Porco!

FROSCH Com vocês não devemos ser as duas coisas?

SIEBEL Três diabos! Sosseguem! E cantem! E vamos encher a cara e gritar. Anda! Lalará! Lalará!

ALTEN Me passem algodão! Ele vai estourar os nossos tímpanos.

SIEBEL E eu tenho culpa que esse maldito teto baixo provoca esse eco? Cante!

FROSCH Lalari, lalará! — Está afinado! E agora?
O amado sacro Império Romano
Como que ainda está de pé?

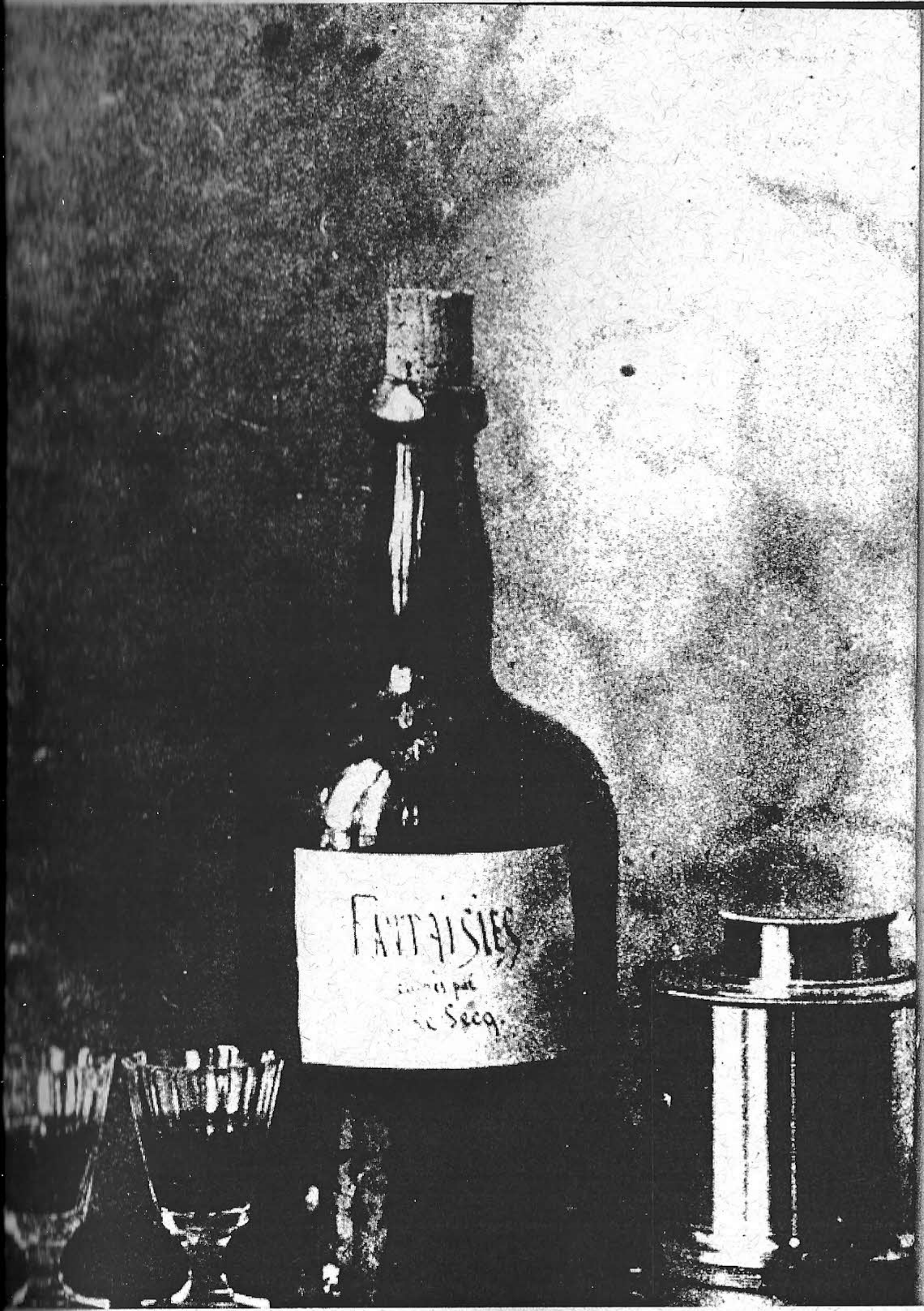
BRANDER Que nojo, que canção mais feia, canção política, enfadonha! Agradeçam a Deus por não terem nada a ver com o Império Romano. Vamos eleger um papa.

FROSCH Acorda meu rouxinol da alvorada
E leve lembranças para minha amada!

SIEBEL Morte e temporal! Que lembranças para amada o quê! — uma empada de rato recheada com folhas secas do carvalho do monte das bruxas, levada pelo coelho esfolado com cabeça de galo, isso sim e lembrança de rouxinol coisa nenhuma. E não é que ela largou a mim, ao meu cavanhaque e a todas as minhas singularidades atrás da porta, como se fosse uma vassoura velha, e isso para... Que diabo! — É o que estou dizendo, lembrança nenhuma, a não ser pedras para estilhaçar os vidros da janela dela!

FROSCH [*batendo o caneco na mesa*] Silêncio agora! — Aí vai uma canção nova, pessoal, ou velha se preferirem! — Gravem o refrão para cantar comigo! Em alto e bom som!

Vivia um rato no porão,
Era só manteiga e banha, na maior mordomia,
Ele foi ganhando um barrigão,
Lutero em pessoa parecia.
A cozinheira botou veneno
E o seu mundo ficou tão pequeno.
Como se estivesse apaixonado.



CORO [*exultante*] Como se estivesse apaixonado.

FROSCH Corria de um lado para o outro,
Agoniado, procurando o que beber,
Roía, arranhava, feito louco,
Ai, coitado, não parava de sofrer.
Estrebuchava por todo lugar,
Mal via a hora de desencarnar.
Como se estivesse apaixonado.

CORO Como se estivesse apaixonado.

FROSCH Em pleno dia se meteu pela cozinha,
Morrendo de medo de morrer.
Já quase sem respiração,
Estatelou-se diante do fogão.
E a cozinheira analisava, sorrindo:
Há, há — a vida é ar se esvaindo.
Como se estivesse apaixonado.

CORO Como se estivesse apaixonado.

SIEBEL Devia colocar uma porção de veneno na sopa dessa cozinheira, isso sim! Eu não sou piedoso, mas um rato desses é capaz de comover até uma pedra.

BRANDER Você é que é o rato em pessoa! Eu queria estar lá perto do fogão para ver a alminha desencarnando daquele barrigão!

[*Fausto, Mefistófeles*]

MEFISTÓFELES Agora observa como se comportam! Se apreciares consigo arranjar-te toda noite a mesma sociedade.

FAUSTO Boa noite, ilustres senhores.

TODOS Muito obrigado!

SIEBEL Quem é o charlatão?

BRANDER Quieto! Tem certa elegância incógnita, um quê de maldade e de insatisfação no semblante.

SIEBEL Bah! Quando muito, são comediantes.

MEFISTÓFELES [*em voz baixa*] Está vendo? Eles não percebem nunca a presença do diabo, por mais perto que esteja.

FROSCH Vou jogar verde para ver se descubro de onde vêm! — O caminho de Rippach para cá está tão ruim que os obrigou a viajar até estas altas horas da noite?

FAUSTO Não viemos por este caminho.

FROSCH É que eu pensei que haviam almoçado no Mário...

FAUSTO Que Mário?

JUGEND
PROSIT
1897er aus der Kellerei der JUGEND MÜNC
F.D.

[*Os outros riem.*]

FROSCH Ah, ele é de família tradicional. Tem uma família bem grande.

MEFISTÓFELES Aliás, ouvi dizer que está com saudades de vocês.

BRANDER [*em voz baixa para Frosch*] Pára! Ele sabe o que é.

FROSCH Lá em Wurzen é fatal, às vezes tem de se esperar muito pela balsa.

FAUSTO Ah, é?

SIEBEL [*em voz baixa*] Eles vêm do sul, dá para ver. Deixe que fiquem altos primeiro. — São amigos de um trago corajoso? Venham para cá!

MEFISTÓFELES Sempre.

[*Brindam e bebem.*]

FROSCH Bem, senhores, agora uma canção. Um caneco, uma canção, sai bem barato.

FAUSTO Eu não tenho voz.

MEFISTÓFELES Eu canto uma por mim, duas pelo meu amigo, cem se quiserem; viemos da Espanha onde à noite se cantam tantas canções, quantas estrelas houver no céu.

BRANDER Eu passo — odeio esse piano mal tocado, exceto quando estou bêbado e durmo, aí o mundo pode se acabar. — Isso é para meninas que quando não conseguem adormecer ficam paradas na janela mamando no frescor da lua.

MEFISTÓFELES Era uma vez um rei
Que tinha uma pulga de estimação —

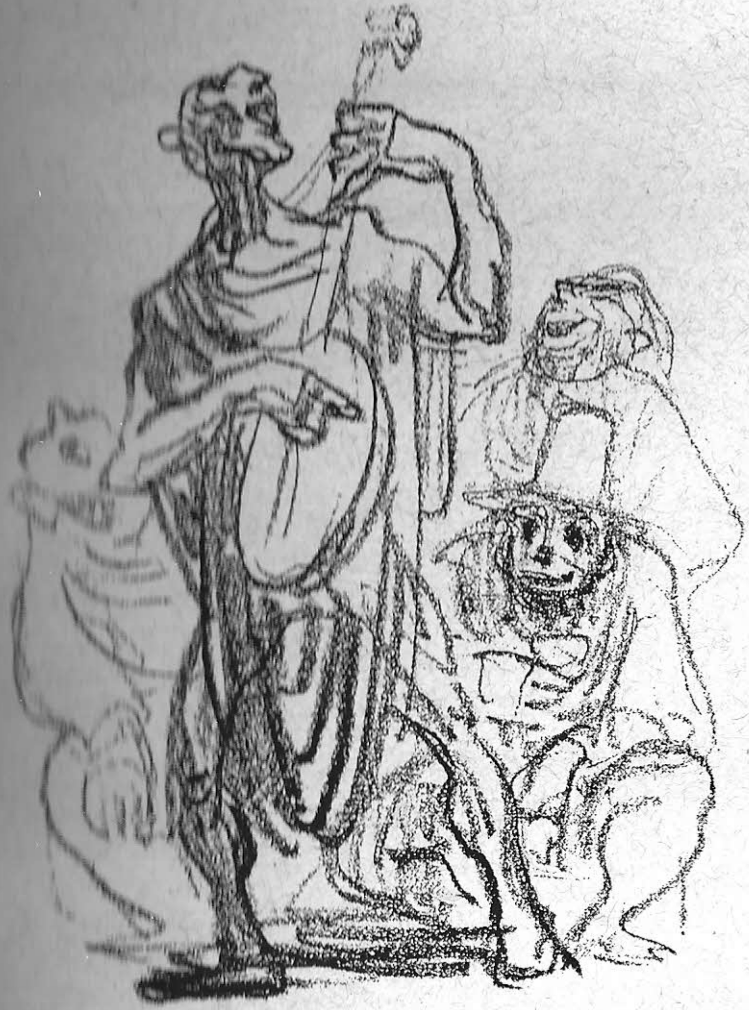
SIEBEL Silêncio! Ouçam! Que bela raridade! Que paixão!

FROSCH Cante outra vez!

MEFISTÓFELES Era uma vez um rei,
Que tinha uma pulga de estimação,
Criada como uma filha,
Com amor e dedicação.
Um dia ele chamou o alfaiate
E logo o alfaiate veio.
"Faça-lhe vestes de destaque
E trajes de passeio!"

SIEBEL Vestes sob medida! Essa é boa! [*Aclamam com riso.*]
Cuidado com os vincos!

MEFISTÓFELES Com seda e veludo



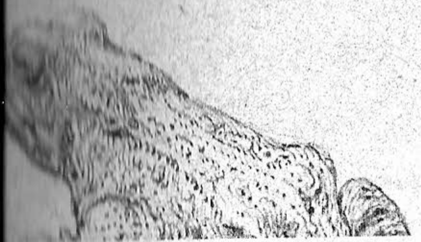
Agora estava a pulga vestida.
Tinha lacinho em tudo
E também uma cruz colorida.
E logo se tornou importante,
Com divisas condecorada.
Sua família nesse instante
Passou a ser respeitada.

Na corte rainha e damas
Passaram a sofrer demais,
Pois as picadas na cama
Coçavam sem parar mais.
Não podiam esmagá-la,
Nem mesmo expulsá-la.
Mas se uma amiga pica
Como é que a gente fica?

CORO [*exultante*] Como é que a gente fica?
Esmaga-se a maldita.

TODOS AO MESMO TEMPO Bravo! Bravo! Bonita e pertinente! Mais uma! Mais uma rodada de copos! Mais canções!

FAUSTO Meus senhores, o vinho está subindo, subindo, como acontece com todos os de Leipzig. Mas eu gostaria que os senhores permitissem que lhes servíssemos de outro barril.



SIEBEL Os senhores possuem uma adega própria. Estão no comércio de vinho? Será que são da corja do reino?

ALTEN Espere um pouco. [*Levanta-se.*] Eu tenho um teste para saber se posso ou não continuar. [*Fecha os olhos e fica de pé por uns instantes.*] Bem, bem, a cabecinha já está balançando. Bah, uma garrafa! Eu assumo perante Deus e perante tuas mulheres. O vosso vinho!

FAUSTO Arrumem uma verruma!

FROSCH O taberneiro tem um cesto cheio de ferramentas ali atrás.

FAUSTO [*pega a verruma*] Muito bem. Que vinho desejam?

FROSCH Como?

FAUSTO Querem tomar uma taça de que vinho? Podem pedir que eu arrumo.

FROSCH Bem, para mim pode ser então uma taça de vinho do Reno, um Nierensteiner.

FAUSTO Está certo. [*Fura a mesa onde está Frosch.*] Agora arrumem cera!

ALTEN Tome lá, um toco de vela.

FAUST,
Nagelpolierstein

FAUSTO Pronto. [*Tampa o buraco com cera.*] Agora espere! — e o senhor?

SIEBEL Vinho Moscatel! Espanhol, não pode ser outro. Quero só ver por onde vai escorrer.

FAUSTO [*fura e tampa*] E o senhor deseja o quê?

ALTEN Vinho tinto, francês! — Por mais que respeite o vinho deles, não suporto os franceses.

FAUSTO [*faz o mesmo que antes*] E o senhor, o que pretende?

BRANDER Ele está achando que somos idiotas?

FAUSTO Ande logo, senhor, escolha um vinho!

BRANDER Então vai um Tokayer! — O senhor não está pretendendo que saia vinho da mesa!

FAUSTO Silêncio, meu jovem! — Atenção agora! Segurem as taças debaixo da mesa, e aí cada um vai tirar o tampão de cera! Mas cuidem para que nem uma única gota derrame no chão, senão será um desastre!

ALTEN Estou ficando com medo. Ele está com o demônio.

FAUSTO Tirar os tampões!

[*Eles puxam os tampões e na taça de cada um cai o vinho escolhido.*]

FAUSTO Fechem os tampões! Agora provem!

SIEBEL Bom! Preciso!

TODOS Muito bom! Regiamente bom.

MEFISTÓFELES Agora embarcaram.

FAUSTO Vamos embora!

MEFISTÓFELES Só mais um momento.

TODOS [*cantam*] Sentimo-nos canibalmente bem.
Feito quinhentos leitões!

[*Voltam a beber. Siebel deixa o tampão cair e o vinho escorre pelo piso, transformando-se em fogo que sobe por sua perna.*]

SIEBEL Inferno, demônio!

BRANDER Feitiço! Feitiço!

FAUSTO Eu não disse?
[*Tampa a abertura e pronuncia algumas palavras.*]*

SIEBEL Senhor e Satã! — Ele pensou que podia se cercar de

*Apesar de já existir a rubrica, no *Urfaust* não constam as palavras proferidas neste momento. No *Fausto* — primeira parte, elas são: *Ein tiefer Blick in die Natur/Hier ist ein Wunder, glaubet nur* (Um olhar profundo na natureza/eis um milagre com certeza).

honesta companhia para sair exercitando seu abracadabra dos infernos?

FAUSTO Silêncio, porco cevado!

SIEBEL Porco, eu? Seu cabo de vassoura! Irmãos! Vamos quebrar a cara dele! Acabem com ele! [*Puxam as facas.*] Um mágico é um fora-da-lei! De acordo com as leis do reino, é um fora-da-lei.

[*Querem atacar Fausto; ele acena; param de repente, espantados, e encaram-se uns aos outros.*]

SIEBEL O que vejo?! Montanhas de vinhedos!

BRANDER Uvas nesta época do ano?

ALTEN Que suculentas! Que belas!

FROSCH Espere, esta é a mais bela!

[*Agarram um o nariz do outro e erguem as facas.*]

FAUSTO Parem! — Vão dormir para passar o porre!

[*Fausto e Mefistófeles saem. Eles abrem os olhos e se separam aos gritos.*

SIEBEL Meu nariz! Isto era o seu nariz? Eram estas as uvas? Onde ele está?

BRANDER Foi embora! Era o diabo em pessoa!

FROSCH Eu o vi saindo montado num barril.

ALTEN Viu? Agora é bom não passar pela praça, não é seguro. Como é que a gente vai para casa?

BRANDER Siebel, vá na frente!

SIEBEL Não sou louco!

FROSCH Venham, vamos acordar o vigia lá no Paço Municipal. Por uma gorjeta ele deve fazer a obrigação. Vamos!

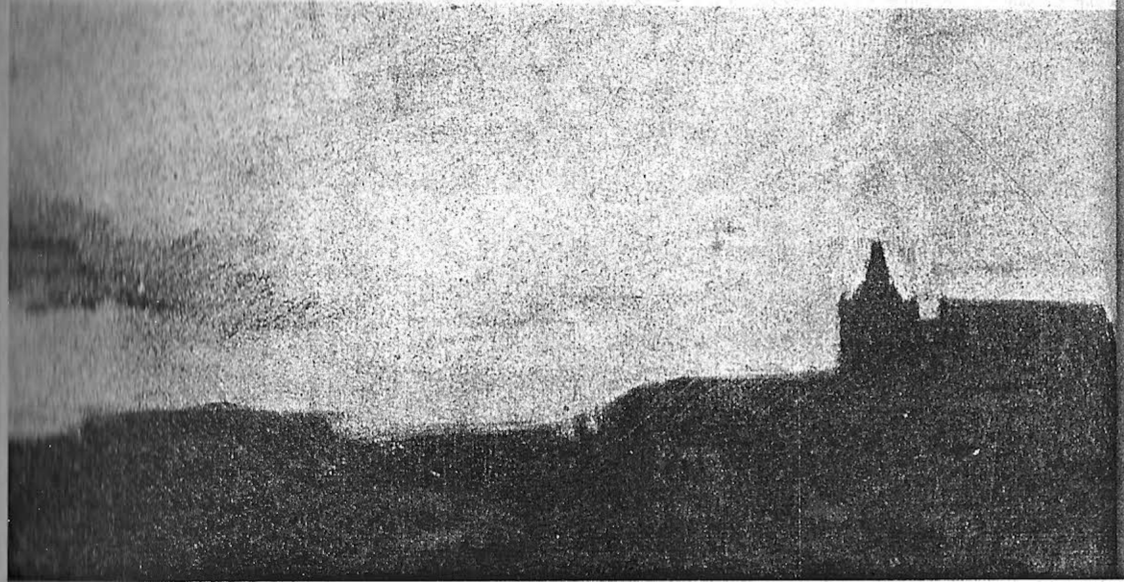
SIEBEL Será que ainda corre vinho ali? [*Ele verifica os tampões.*]

ALTEN Não se iluda! Está seco que nem pau!

FROSCH Vamos embora, rapazes! Vamos! [*Todos saem.*]

Estrada

Uma cruz no caminho à direita
No alto da colina, um velho castelo
Ao longe, casas de camponeses

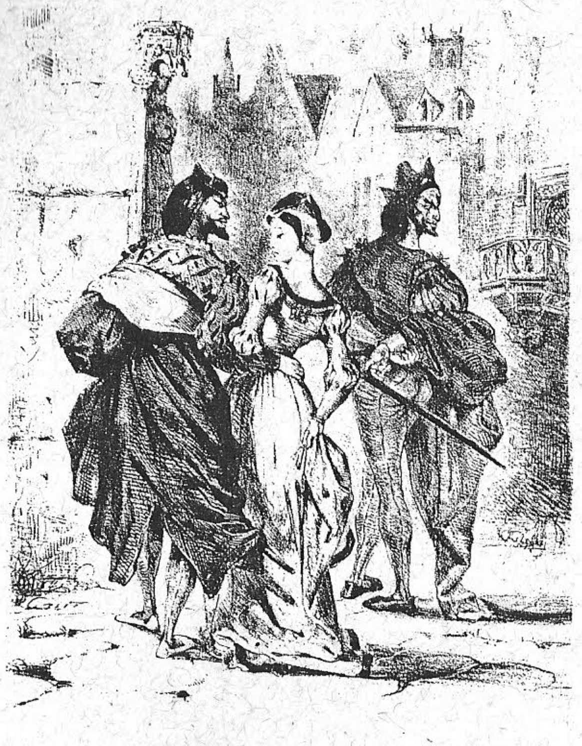


FAUSTO O que há, Mefisto, por que corres desse jeito?
Por que, diante da cruz, baixas o olhar?

MEFISTÓFELES Eu bem sei — é um preconceito,
Que já basta para provocar em mim uma rejeição.

Passeio

Fausto, Margarida [passando], Mefistófeles



FAUSTO Minha bela senhorita, será que posso ousar
Oferecer o meu braço para lhe acompanhar?

MARGARIDA Não sou nem senhorita, nem bela
E posso ir para casa sozinha.

[*Desvencilha-se e sai.*]

FAUSTO Que moça mais linda e formosa,
Tocou forte o meu ser,
Parece tão boa e virtuosa,
Mas tem um quê de impertinente também.
O vermelho dos lábios, o brilho na face
Jamais poderei esquecer.
Seu jeito de pestanejar,
Impregnou o meu coração.
Seu jeito de querer fugir logo,
Aumenta ainda mais o meu fogo.

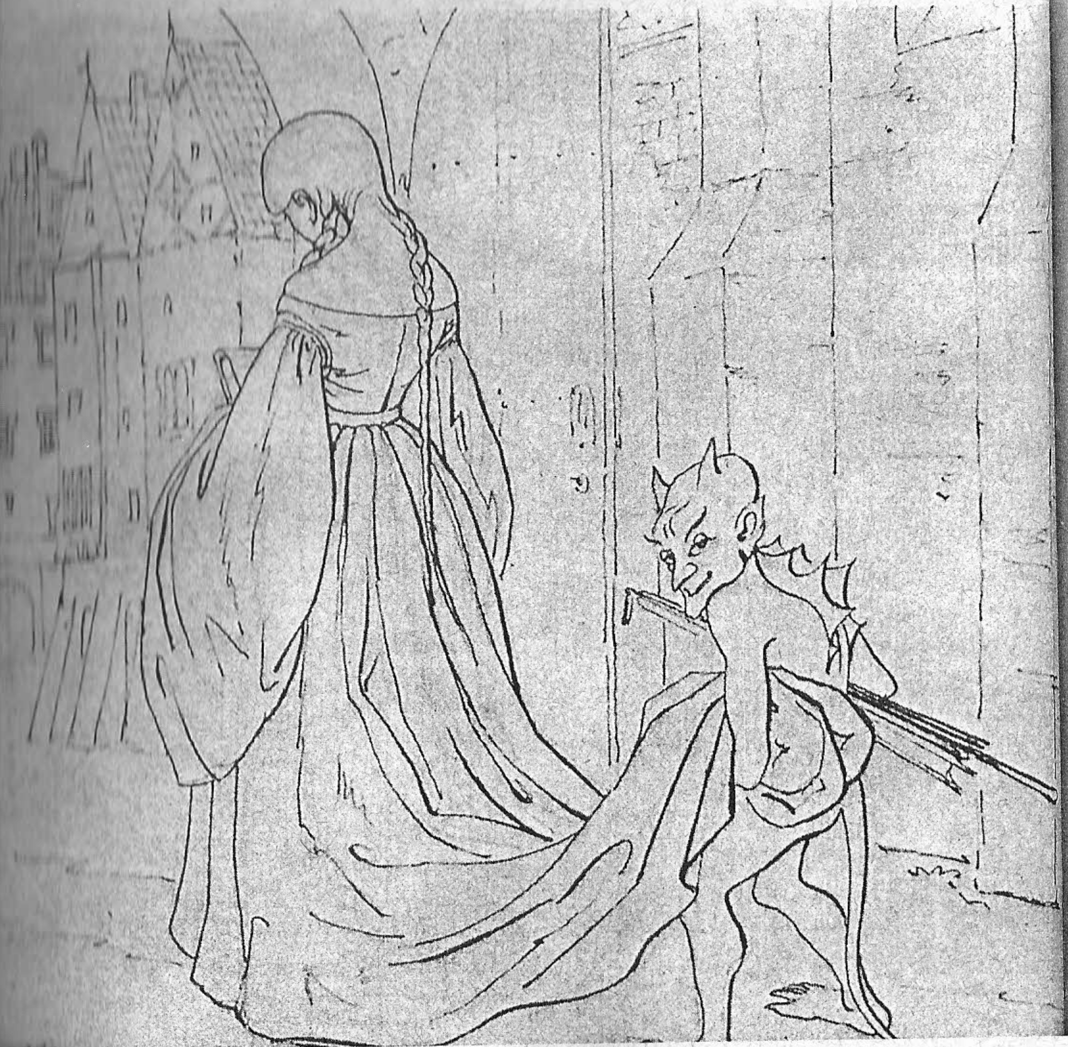
[*Entra Mefistófeles.*]

FAUSTO Escuta, precisas conseguir essa putinha para mim!

MEFISTÓFELES Qual?

FAUSTO Passou agora mesmo.

MEFISTÓFELES Aquela ali? Acabou de se confessar com o padre



Ele a absolveu de todos os pecados;
Passei bem perto para ouvir,
Ela é pura e inocente.
Não tinha por que se confessar.
Sobre essa não tenho nenhum poder.

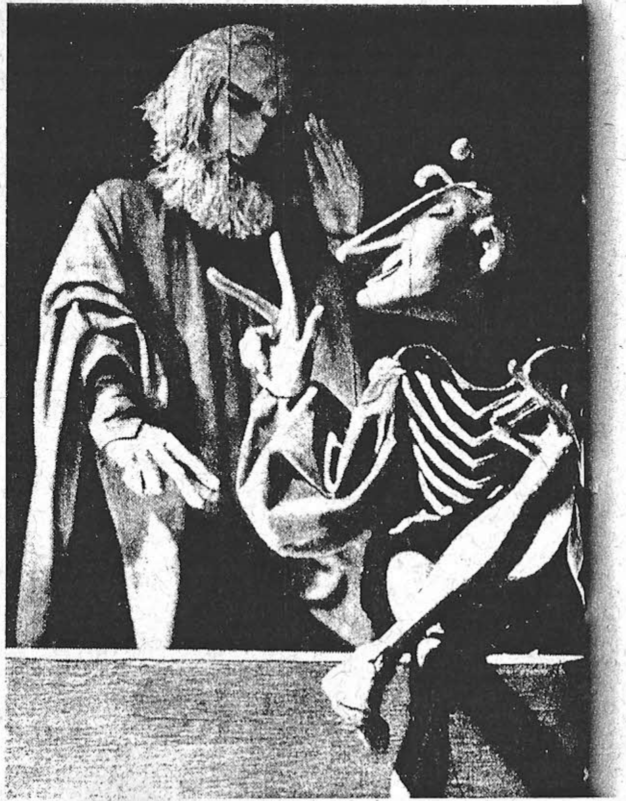
FAUSTO Mas já tem mais de catorze anos.

MEFISTÓFELES Falas como o Don Juan
Que cobiça todas as flores
E julga não existirem valores,
Nem favores que não se possam colher.
Mas nem sempre é assim.

FAUSTO Meu senhor, mestre louvável,
Deixa-me em paz com tuas leis!
E para falar curto e grosso:
Se o sangue jovem e doce
Não descansar em meus braços ainda hoje,
À meia-noite estaremos separados.

MEFISTÓFELES Pensa bem, nos prós e nos contras!
Concede-me ao menos catorze dias,
Só para surgir a melhor ocasião.

FAUSTO Se eu tivesse sete dias de sossego,
Não precisaria do diabo
Para seduzir essa coisinha.



MEFISTÓFELES Falas quase como um francês;
Mas eu peço, não desanimes.
Qual é a graça de gozo tão breve?
A alegria de longe não será tão grande,
Sem antes adornar aqui e ali,
Com tudo que é enfeitinho,
E moldar aquela bonequinha,
Como ensinam muitas histórias por aí.

FAUSTO Também tenho apetite sem isso.

MEFISTÓFELES Agora sem queixa e sem troça!
Eu te digo, com aquela bela moça,
Não dá para ser depressa.
De nada adianta força,
É preciso, sim, astúcia.

FAUSTO Arruma-me algo do anjo belo,
Leva-me ao seu lugar de repouso,
Arruma-me um lenço de seu busto,
Uma liga de meus desejos!

MEFISTÓFELES Para veres que me apiedo
E quero amenizar teu sofrimento,
Não percamos um só momento.
Levo-te ainda hoje ao seu aposento.

FAUSTO E poderei vê-la? Tê-la?

MEFISTÓFELES Não.
Ela estará na casa de uma vizinha.
Enquanto isso estarás sozinho
Com toda esperança de alegrias futuras
Saciando-te com sua atmosfera.

FAUSTO Podemos ir, então?

MEFISTÓLELES É muito cedo ainda.

FAUSTO Trata de me arrumar um presente para dar a ela. [*Sai.*]

MEFISTÓFELES Ele age como se fosse filho de nobre.
Se Lúcifer tivesse uma dúzia desses príncipes,
Deveria receber dízimos;
Além de ganhar uma comissão. [*Sai.*]

Entardecer

Num quarto pequeno e arrumado

Farrar
Ser.186/7

MARGARIDA [*trançando e prendendo o cabelo no alto da cabeça*]
Eu daria alguma coisa em troca para saber
Quem era o senhor que vi hoje.
É certo que tinha um porte bem digno
E vem de casa nobre,
Pude ler isso em sua testa.
Senão ele não seria tão ousado. [*Sai.*]

[*Mefistófeles, Fausto*]

MEFISTÓFELES Entra, entra sem barulho.

FAUSTO [*depois de um tempo em silêncio*] Eu te peço, deixa-me sozinho!

MEFISTÓFELES [*sentindo o ambiente ao redor*]
Não é toda moça que mantém tudo tão limpo. [*Sai.*]

FAUSTO [*olhando ao redor*]
Bem-vinda doce luz crepuscular —
Que traspassa esse santuário!
Agarra o meu coração, doce penar de amor,
Que vive lânguido do orvalho da esperança!
Respira aqui o sentimento do silêncio,
Da ordem, da satisfação!
Nesta pobreza — que plenitude!
Que glória nesta prisão!

[*Joga-se sobre a poltrona de couro ao lado da cama.*]

Ah, recebe-me, tu que já o mundo de outrora
Recebeste em alegria e dor, de braços abertos!
Quantas vezes, ah, um bando de crianças
Pendurou-se em volta deste trono paterno!
Talvez aqui, grata pelo menino Jesus,
Minha amada, com cheias faces infantis,
Tenha beijado, devota, a mão enrugada do avô.
Eu sinto o teu espírito, ó menina,
Sussurrando à minha volta,
De plenitude e ordem,
Que, maternal, instrui teu dia-a-dia
E faz com que estendas na mesa a toalha
E percebas até os grãos de areia sob teus pés.
Oh, mão afetuosa, tão divina,
Que transforma a cabana em reino celeste.
E aqui! [*Ergue o cortinado do leito.*]
Como estou sendo tomado por um horror de encanto!
Aqui quero desperdiçar horas inteiras.
Natureza! Aqui desenvolveste o anjo inato.
Durante suaves sonhos.
Aqui repousava a criança, enquanto enchia-se
O delicado seio de vida calorosa
E aqui de um tecer puro e santo
Fez-se a imagem divina.
E tu? O que te trouxe até aqui?
Como sinto que o meu íntimo foi tocado!
O que procuras aqui? Por que teu coração está pesado?
Pobre Fausto, não te conheço mais!

Será um aroma mágico o que me envolve aqui?
Impelia-me somente um desejo de prazer
E sinto-me derreter em sonho de amor!
Seremos nós joguete de cada pressão do ar?

E se ela entrasse neste instante
Como expiarias o teu delito?
O grande sedutor, ah, que pequeno,
Cairia derretido aos teus pés.

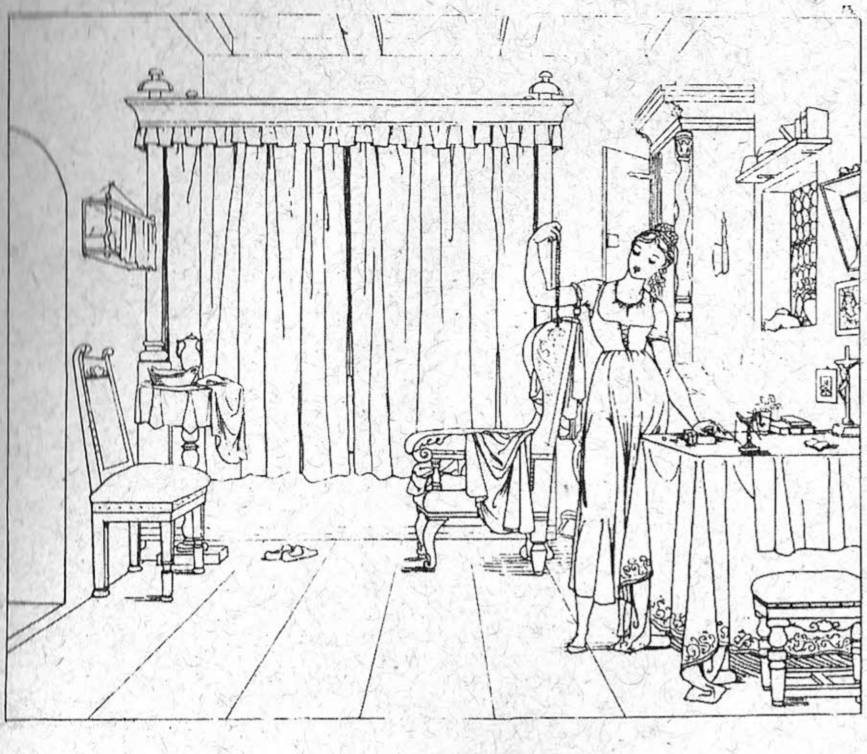
MEFISTÓFELES Depressa, ela está chegando.

FAUSTO Vem, vem! Eu não recuarei jamais!

MEFISTÓFELES Eis uma caixinha bem pesada
Que tirei de outro lugar.
Basta colocá-la aqui neste armário
E prometo que ela perderá os sentidos.
Pois tem coisas ali dentro
Para conquistar uma princesa.
Mas é claro — cada criança, um brinquedo.

FAUSTO Eu não sei, será que devo?

MEFISTÓFELES Mas ainda pergunta!
Pensas acaso em guardar o tesouro contigo?
Então, aconselho poupar tua concupiscência,
A bela e boa luz do dia,



O meu esforço e a minha paciência.
Eu não espero que sejas egoísta.
Eu coço a cabeça, esfrego as mãos —

[*Ele coloca a caixinha no armário e aperta o ferrolho da fechadura.*]

Vamos sair agora, depressa —
Para voltar-se a doce e jovem criança
Segundo o desejo do teu coração.
E a tua cara mais parece
Como se estivesse num interrogatório,
Como se tomassem corpo à tua frente
A física e a metafísica.
Vamos logo! [*Saem.*]

MARGARIDA [*com uma lâmpada*]
Está tão quente e abafado aqui
[*Ela abre as janelas.*]
E não está quente lá fora.
Estou me sentindo, não sei bem —
Queria que mamãe voltasse logo para casa.
Sinto calafrios por todo o corpo,
Que medrosa eu sou.

[*Começa a cantar enquanto despe os agasalhos.*]

Havia um rei em Tule,
Que tinha uma taça dourada

Recebida no leito de morte
Das mãos da rainha amada.

Da taça ele não se separava
Dela bebia, em todas as ocasiões;
E os olhos se enchiam d'água
Embriagado em recordações.

E ao sentir a morte chegar,
Aos herdeiros cuidou de deixar
Todo o seu reino e tesouro,
Só não a taça de ouro.

Durante o banquete real,
Rodeado de seus cavaleiros,
No alto salão ancestral,
Seus momentos derradeiros.

Da taça o velho tomou
Seu último trago do mundo,
Num gesto de calma a entregou
Às águas do mar profundo.

Observou a taça beber,
Beber a água do mar
E o mar e a taça levaram
Do rei, o último olhar.

[*Ela abre o armário para guardar suas coisas e avista a caixinha de jóias.*]

Como esta linda caixinha veio parar aqui?
Tenho certeza que tranquei o armário.
Que terá aí dentro?
Talvez alguém que devia a minha mãe algum valor
A trouxe como penhor.
Tem uma chave pendurada num cordão.
Acho que vou abri-la!
O que é isso? Veja só, meu Deus do céu!
Nunca vi coisa igual!
Uma jóia! Com ela até uma princesa
Poderia passear no feriado.
Como será que fica em mim?
De quem será esta maravilha?

[*Coloca a jóia e vai diante do espelho.*]

Se ao menos os brincos fossem meus!
A aparência da gente já fica outra.
De que serve a beleza, o sangue novo?
Está certo, é bom, é bonito
Mas não passa disso.
Elogiam a gente quase com dó.
Pois o que move é ouro
É ouro o que pesa
É tudo! Coitados de nós, pobres!

Passeio

Fausto, pensativo, anda de um lado para o outro
Mefistófeles junta-se a ele

MEFISTÓFELES Com mil traições de amor! Elemento infernal!
Quisera eu conhecer pragas para fazer um xingamento!

FAUSTO O que tens? O que te afeta desse jeito?
Nunca na vida vi cara mais feia.

MEFISTÓFELES Queria que o diabo me carregasse,
Se eu mesmo o diabo não fosse.

FAUSTO Será que algo se deslocou em tua cabeça?
Te cai bem esbravejar, estar furioso.

MEFISTÓFELES Imagina que a jóia que arrumei para Margarida
Foi parar na mão de um padre.
Mesmo quem tivesse sangue de anjo no corpo
Viraria a mulher do peixe!
A mãe, ao ver a coisa ali,
Começou a sentir calafrios.
A mulher bem que tem um belo faro.
Vive farejando no livro de rezas
E não deixa escapar um único objeto sem antes cheirar,
Para classificar se o troço é sagrado ou é profano.
E nessas jóias foi logo sentindo
Que muito benta a coisa não era.
"Filhinha", exclamou ela, "bem adquirido injustamente
aprisiona a alma e consome o sangue da gente.
Vamos doá-las à mãe de Deus,
E seremos recompensadas com o maná celeste."

822.62
1249308/2054
822.6
ARIO

Guida fez um enorme de um biquinho,
Afinal, pensou, é cavalo dado
E não pode ser de todo ateu
Quem levá-lo até lá se atreveu.
A mãe mandou vir o padre;
Que mal soube da peça
Apreciou muito aquela visão
E foi logo dizendo: "Ah, que atitude mais cristã!
Aquele que se supera é quem ganha.
A Igreja tem estômago bom,
Já comeu países inteiros
E ainda assim não teve indigestão;
Somente a Igreja, minhas caras senhoras,
Pode digerir bens injustos."

FAUSTO É um hábito que muitos têm,
Os juízes e banqueiros também conseguem.

MEFISTÓFELES Assim passou a mão em colar, anel e fivela,
Como se fossem cogumelos na panela.
Não agradeceu nem menos, nem mais
Do que por um saco de cereais.
Prometeu-lhes todas as recompensas celestes
O que as deixou bem contentes.

FAUSTO E Guida?

MEFISTÓFELES Está irrequieta.

Não sabe mais o que deve, nem o que quer.
Pensa nas jóias noite e dia
E mais ainda em quem as levou até lá.

FAUSTO A preocupação da amada me faz penar,
Coloque logo outra jóia no lugar!
A primeira nem era grande coisa.

MEFISTÓFELES Ah, claro, para o senhor tudo é muito fácil.

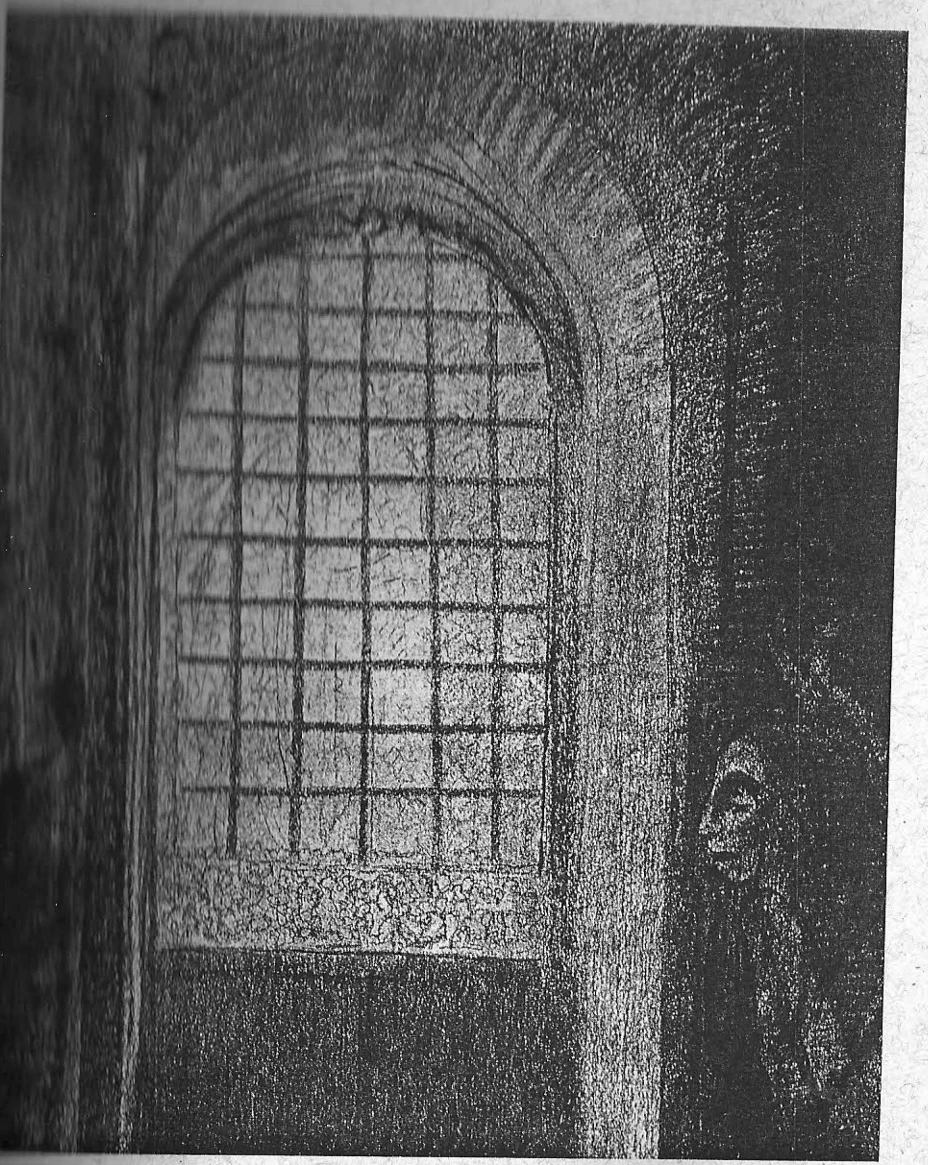
FAUSTO Anda, segue logo a orientação minha
E pendura-te na vizinha!
Sê o diabo, não um molengão preguiçoso,
E vê se arranja outro objeto precioso.

MEFISTÓFELES Certo, meu honrado senhor, farei de coração.

[*Fausto sai.*]

Um louco apaixonado assim é capaz de esbanjar,
De jogar fora o sol, as estrelas e o luar
Só para agradar a amada.

Casa da vizinha



MARTA Deus, perdoai o meu bom marido,
Que por mim nunca moveu uma viga!
Se enfiou no mundo, fugido,
E me deixou sozinha na vida.
E eu nunca fiz nada de mal a ele,
Deus é que sabe o quanto eu gostava dele. [*Ela chora.*]
Talvez tenha morrido. Oh, coitado!
E se ao menos eu tivesse um atestado!

MARGARIDA [*aproxima-se*] Dona Marta!

MARTA Guida, o que é?

MARGARIDA Estou com os joelhos tremendo!
É que encontrei outra caixinha, tá vendo?
No meu armário, de ébano.
Cheia de coisas lindas dentro
Bem mais ricas que as primeiras.

MARTA Não conte para sua mãe, não;
Ela logo entregaria em confissão.

MARGARIDA Ai, olha só! Veja só que formosura!

MARTA [*coloca as jóias*] Ai que criatura mais sortuda!

MARGARIDA Pena que não posso usar
Na igreja nem em outro lugar.

MARTA Vem sempre me visitar
E aqui poderás colocar as jóias;
Dá umas voltinhas na frente do espelho
E vamos ter com o que nos alegrar.
Um dia aparece uma festa, uma chance.
Aí, pouco a pouco, mostramos de relance.
Primeiro uma pérola na orelha, depois o colar,
Se a mãe perceber, é bom logo disfarçar.

[*Batem à porta.*]

MARGARIDA Meu Deus! Será que minha mãe ouviu a gente?

MARTA [*olhando pela cortina*]
É um senhor desconhecido. — Entre!

MEFISTÓFELES [*surge*] Fui entrando tão livremente,
Peço perdão às senhoras se estiver sendo inconveniente.
[*Recua respeitosamente diante de Margarida.*]
Posso falar com a senhora Marta Schwerdlein, por favor?

MARTA Sou eu, o que deseja o senhor?

MEFISTÓFELES [*baixinho*] A mim basta saber quem é a senhora.
Vejo que está com ilustre visita agora.
Peço então que me permita ir embora
E prometo voltar outra hora.

MARTA [*alto*] Minha nossa! Viste isso, menina?
Esse senhor pensa que és grã-fina!

MARGARIDA Sou uma moça pobre.
Ah! Sua atitude é que é nobre,
Essas jóias não me pertencem.

MEFISTÓFELES Não são as jóias que a enobrecem,
É o seu ser, seu olhar marcante.
Fico feliz se puder ficar um instante.

MARTA Estou curiosa, do que se trata?

MEFISTÓFELES Quisera eu não ser portador de notícia tão ingrata!
Espero que não queira me castigar:
Seu marido está morto e manda lhe saudar.

MARTA Está morto? O meu tão fiel amor!
Meu marido morto, ai, vou morrer de dor!

MARGARIDA Ah, não se desespere, boa senhora!

MEFISTÓFELES Ouça agora a triste história.

MARGARIDA É por isso que não quero amar na vida,
Eu morreria se perdesse a pessoa querida.

MEFISTÓFELES Mágoas trazem alegrias, alegrias, mágoas.

MARTA Conte-me como sua vida acabou.

MEFISTÓFELES Está enterrado em Pádua,
Perto de Santo Antônio ficou.
Em lugar tranqüilo e ermo
Para seu repouso eterno.

MARTA E o senhor me trouxe algo dele?

MEFISTÓFELES Sim, um pedido, grande e penoso:
Que mande rezar 300 missas por ele!
De resto, não trago nada, nenhum objeto valioso.

MARTA O quê? Sequer uma lembrancinha? Um agrado?
Aquilo que tem na sacola de qualquer coitado,
Reservado para um dia ser lembrado,
Preferindo passar fome, pedir esmola a entregar o guardado!

MEFISTÓFELES Madame, sinto no fundo do meu coração,
Mas ele próprio não dispersou um tostão.
Estava muito arrependido dos erros, de fato.
Ah e, mais ainda, lamentava seu destino ingrato.

MARGARIDA Ai, como as pessoas sempre vivem tanta desgraça!
É claro que rezarei muito por sua alma cansada.

MEFISTÓFELES Estás pronta para o casamento, tens graça.
E és digna de ser amada.

MARGARIDA Isso agora não vem ao caso.

MEFISTÓFELES Senão um marido, um belo namorado.
Uma das maiores dádivas é ser abençoado,
Ter nos braços um ser tão delicado.

MARGARIDA Isso não é o costume da região.

MEFISTÓFELES Mas pode acontecer, sendo costume ou não.

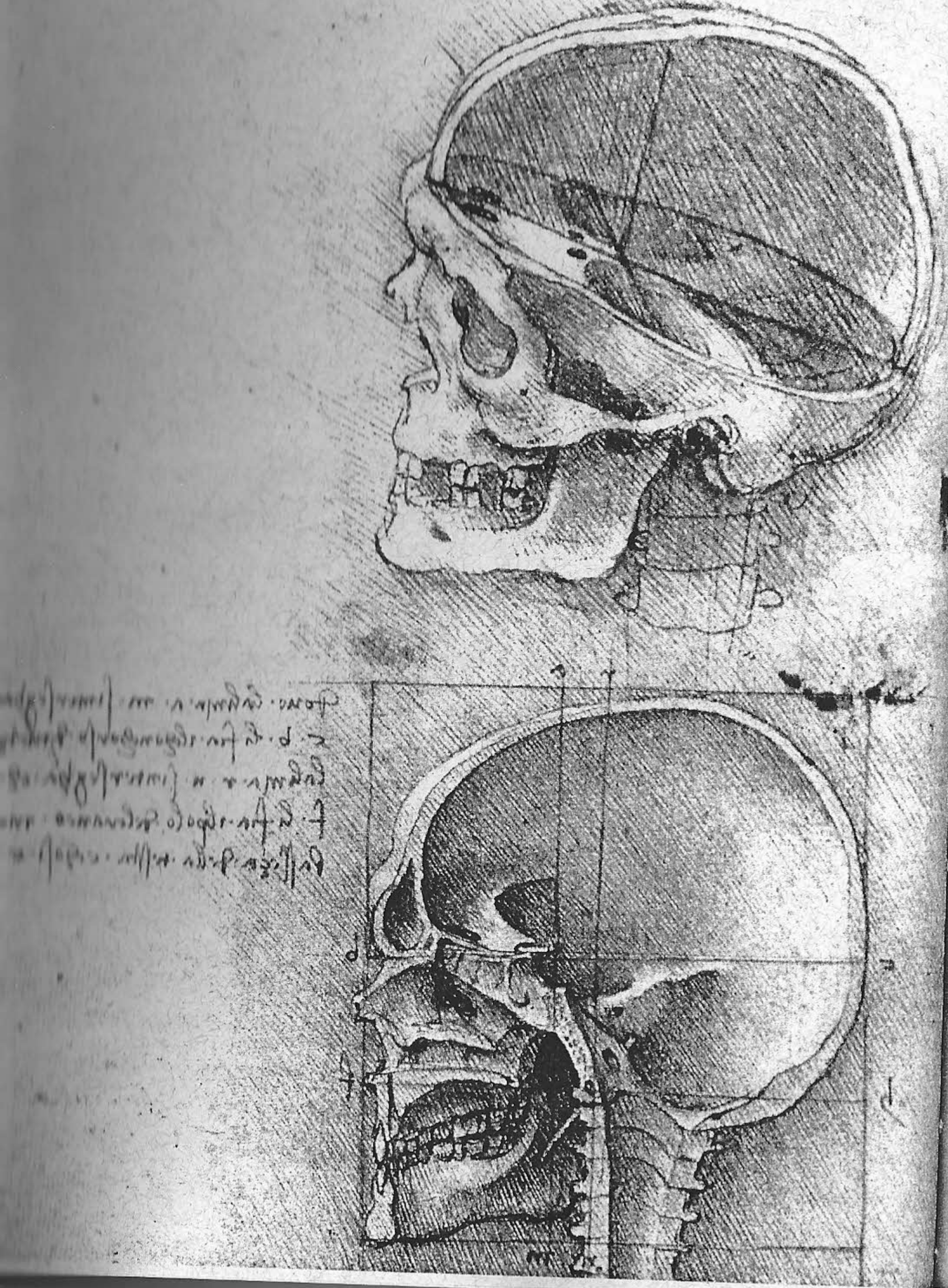
MARTA Conta-me, então!

MEFISTÓFELES Estive junto ao seu leito de morte.
Era pouco melhor que de esterco —
Feito de palha podre; de um cristão foi sua sorte.
Achava que tinha dívidas para fazer acerto.
“Como”, gemia ele, “odeio o meu próprio ser,
Como pude deixar minha esposa sofrer!
Ai, a lembrança me mata, é um tormento,
Rogo que ela me perdoe nesta vida ainda!”

MARTA [*chorando*] Bom homem, já o perdoei há tempo.

MEFISTÓFELES “Além do que, Deus sabe, a culpa era mais dela do que minha.”

MARTA Que mentira! Que coisa, à beira da morte ele mentia?



MEFISTÓFELES Ele devia estar delirando em agonia,
Se eu for um pouco entendido.
"Não tinha folga", dizia ele, "para respirar.
Ter filhos, depois arrumar o pão para alimentar,
O pão no mais amplo dos sentidos.
E eu nem podia comer em paz a parte que me cabia."

MARTA Então ele esqueceu de todo o amor e lealdade,
Da vergonha que me fez passar noite e dia?

MEFISTÓFELES Ah, sim, ele pensou nisso, na verdade.
Ele disse: "Quando parti de Malta afinal,
Rezei muito pela mulher e pelos filhos
E Deus também não me deixou mal,
Tanto que nosso navio capturou uma embarcação
Que levava um tesouro do grande sultão.
Então o tesouro compensou minha valentia
E eu recebi, como devia, o meu quinhão
Que era uma boa quantia."

MARTA Como é mesmo? Onde mesmo?
Pode ser que ele o tenha enterrado?

MEFISTÓFELES Sabe Deus, para onde foi que o vento o levou.
Sei que uma bela senhorita dele se aproximou
Quando estava em Nápoles, passeando pela cidade.
Ela se comportou com amor e fidelidade,
E teve o seu reconhecimento até o dia em que a morte o carregou

MARTA Ladrão safado! Roubou sua própria cria!
Nem toda a dor, todo o sofrer,
Evitaram sua vida vadia.

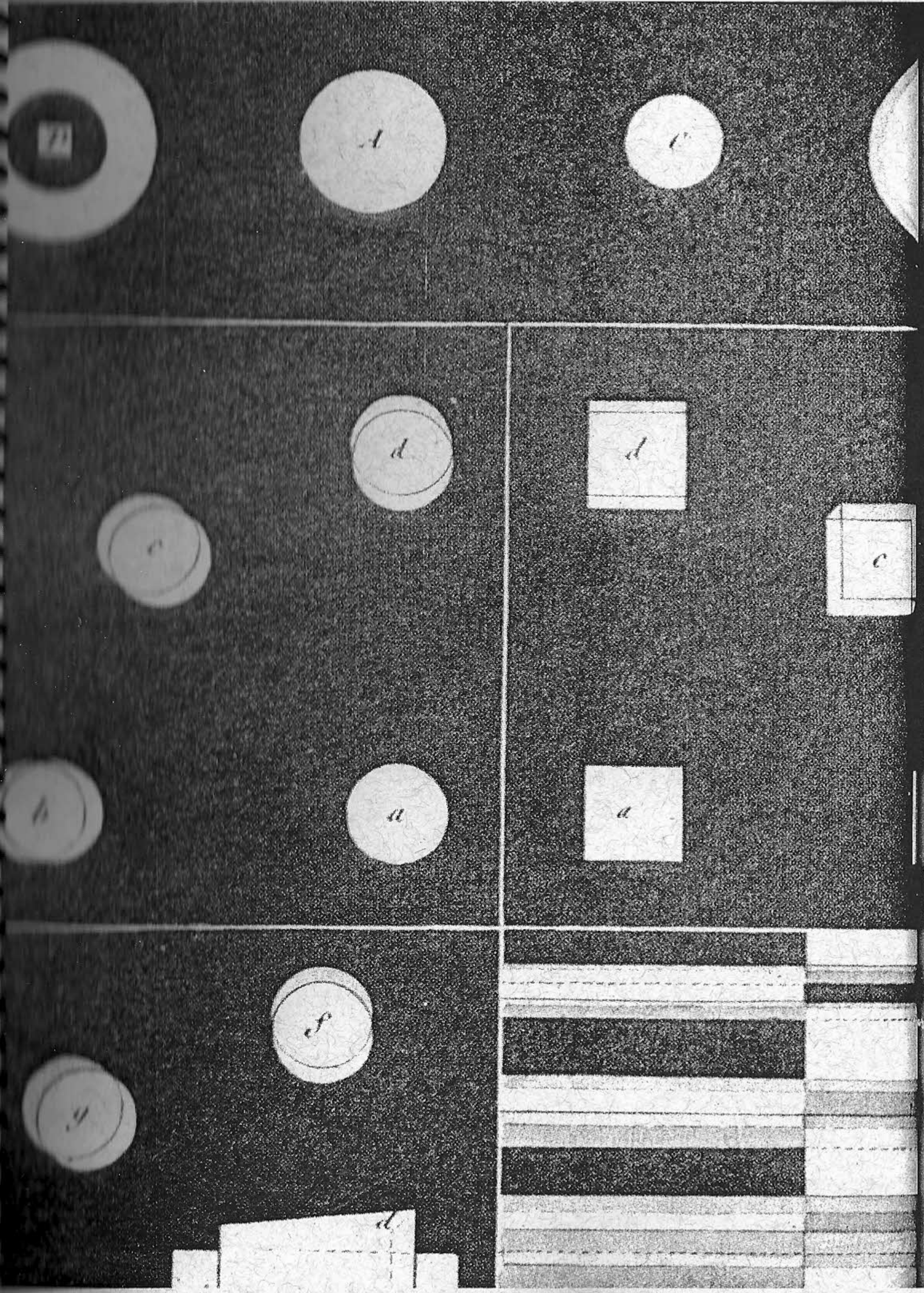
MEFISTÓFELES É, viram só, mas teve de morrer.
Se eu estivesse no seu lugar
Faria luto por um ano, talvez meio,
E aí novo tesouro eu ia procurar.

MARTA Ai, meu Deus! Como esse primeiro amor,
Vai ser difícil encontrar outro neste mundo.
Quase não pode existir danadinho mais encantador.
Seu único defeito era não ter parada e ser vagabundo
E de gostar de mulheres, de vinho importado
E do maldito jogo de dado.

MEFISTÓFELES Bem, bem, isso podia ficar assim ou ter passado
Contanto que ele, em compensação,
Retribuísse ficando ao seu lado.
De minha parte lhe juro, por esse regalo
Eu mesmo colocaria uma aliança na sua mão.

MARTA Ah, o senhor se diverte zombando de mim.

MEFISTÓFELES [*à parte*] Partirei logo, a hora é boa
Essa mulher é capaz de acreditar no diabo em pessoa.
[*A Guida*] E como anda o seu coração?



MARGARIDA O que o senhor está querendo dizer com isso?

MEFISTÓFELES [*à parte*] Pobre, boa e inocente criança!
[*Em voz alta.*] Passar bem, senhoras!

MARTA Ah, só mais uma coisinha!
Eu gostaria muito de ter um atestado,
De onde, como e quando o meu tesouro morreu e foi enterrado.
Sempre fui amiga da ordem,
Queria ver o nome dele, mesmo estando morto, publicado
no semanário.

MEFISTÓFELES Sim, boa senhora, em toda parte
Duas testemunhas bastam para que se estabeleça a verdade.
Há um companheiro meu, muito distinto,
Que diante do juiz dará depoimento,
Posso trazê-lo aqui.

MARTA Ah, faça isso, sim.

MEFISTÓFELES E a moça aqui, também estará?
É um bom rapaz, muito viajado
E trata as senhoritas com muito agrado.

MARGARIDA Ficaria muito envergonhada na presença de um
senhor assim.

MEFISTÓFELES Na presença de rei nenhum desta Terra.

MARTA Ali no jardim atrás da casa,
Encontraremos os senhores à tarde.

[*Fausto, Mefistófeles*]

FAUSTO Como é? Está andando, vai dar certo?

MEFISTÓFELES Salve! Encontro-te em fogo!
Guida será tua logo.
Hoje à tarde deves encontrá-la no jardim da Marta.
É mulher que parece ter sido escolhida a dedo,
De espírito cigano e casamenteiro.

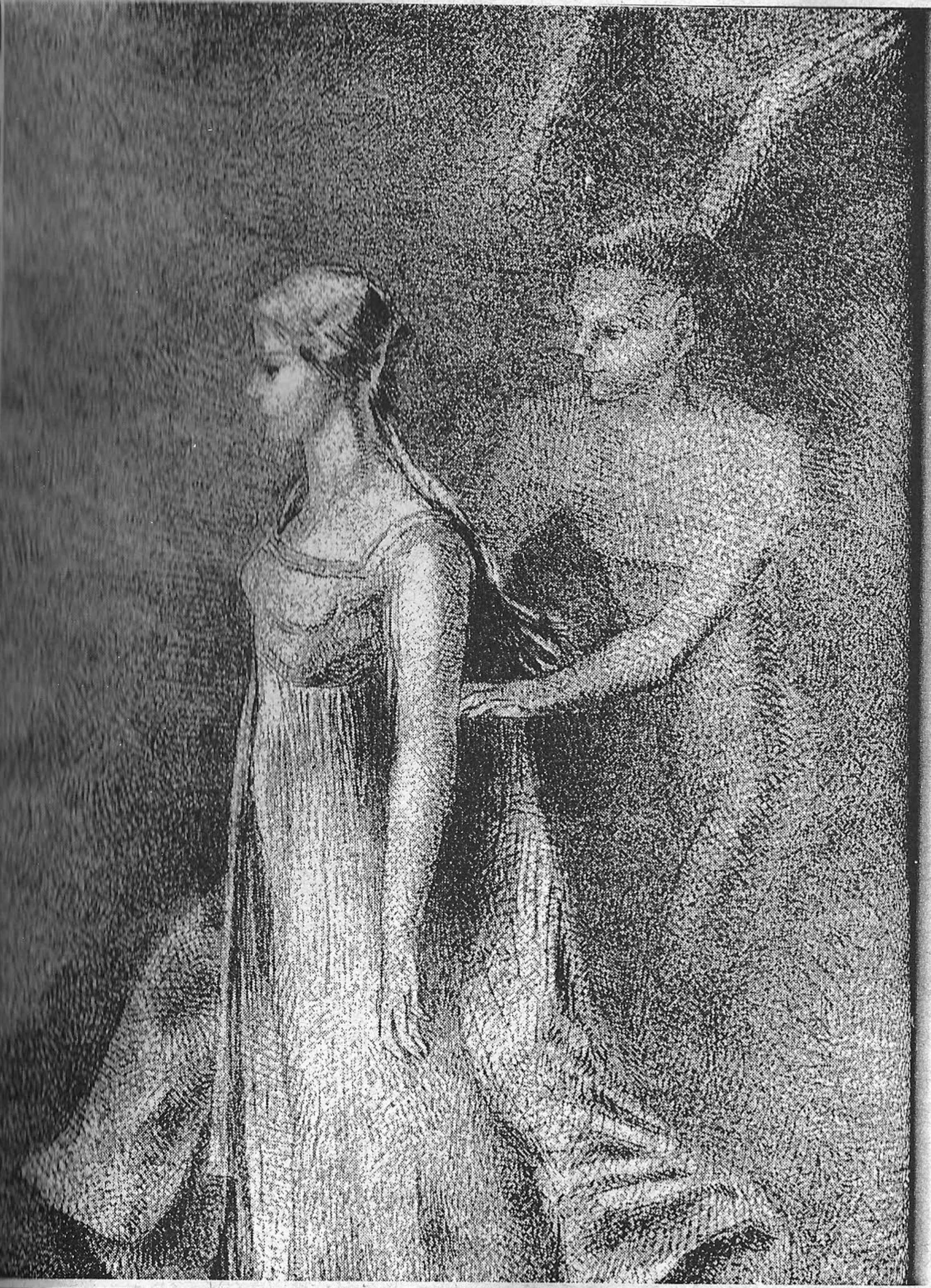
FAUSTO Gostei dela.

MEFISTÓFELES Mas pede uma coisinha em troca.
Afinal, uma mão lava a outra.
Basta que apresentemos um atestado
De que os membros estirados do marido finado
Descansam em Pádua, em terra santa.

FAUSTO Muito esperto! Primeiramente, então, teremos de fazer uma viagem.

MEFISTÓFELES *Sancta simplicitas!* Não é preciso fazer nada.
Não é preciso saber muito, basta que seja testemunhado.

FAUSTO Caso não te ocorra algo melhor, esse plano está rasgado.



MEFISTÓFELES Oh, santo homem, pronto, lá vem!
Certamente esta é a primeira vez em tua vida,
Que prestas falso testemunho.
Não deste definições com grande força
Sobre Deus, o mundo, e o que nele se move;
Dos homens e o que lhes passa pela cabeça e coração?
E sabias tanto no espírito e no peito
Quanto sabes da morte do senhor Schwerdlein.

FAUSTO Permaneces um mentiroso, um sofista.

MEFISTÓFELES Certo, se não soubesse um pouco mais além.
Pois não vais amanhã, com toda a honra,
Enganar a pobre Margarida
E jurar-lhe todo o amor da tua vida?

FAUSTO E do fundo do meu coração.

MEFISTÓFELES Muito bem.
Depois virão juras de amor eterno e de fidelidade,
Do impulso único e onipotente,
Isso também virá do coração?

FAUSTO Deixa disso, assim será! Quando eu sinto,
E para esse sentimento, esse turbilhão,
Em vão procuro nomes e nomes não encontro
E vagueio pelo mundo com todos os sentidos,
Às palavras mais elevadas me agarro,

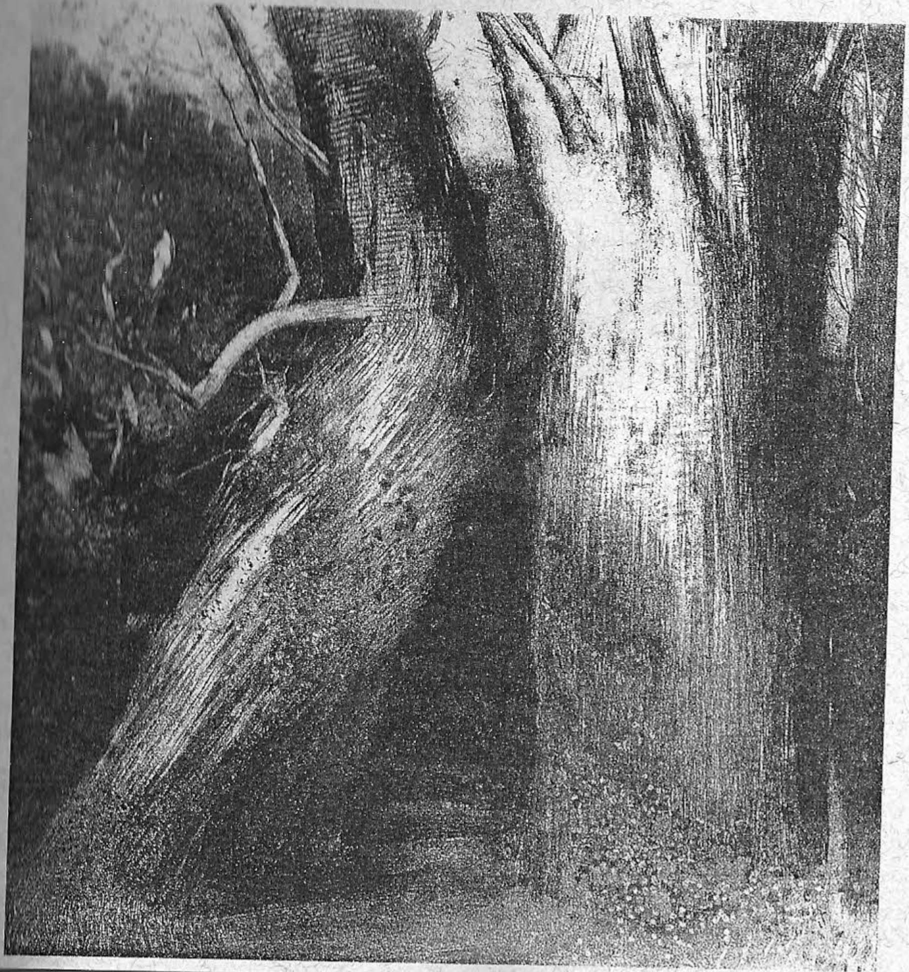
E imenso, eterno, eterno chamo
Esse fogo que me consome.
Será isso um diabólico jogo de mentiras?

MEFISTÓFELES Eu tenho mesmo razão!

FAUSTO Ouve, presta atenção,
Eu te peço, poupa meu pulmão!
Quem quer ter razão e possui uma só língua,
Certamente terá.
E vem, estou farto dessa conversa mole.
Tens mesmo razão, ainda mais porque preciso.

Jardim

Margarida, de braço dado com Fausto
Marta e Mefistófeles caminhando de um lado a outro



MARGARIDA Eu sinto que o senhor só está me poupando
E que se rebaixa à vergonha.
Viajantes estão habituados
A ver tudo pela ótica da bondade,
Mas bem sei que um homem tão experiente
Não pode se entreter com a minha conversa.

FAUSTO Um olhar seu, uma palavra entretém mais
Que todo o saber deste mundo. [*Beija-lhe a mão.*]

MARGARIDA Não se incomode! Como pode beijar minha mão?
É tão maltratada, tão áspera.
Quanto trabalho já não tive de fazer!
Minha mãe é rigorosa demais.

[*Passam.*]

MARTA E o senhor, viaja sempre?

MEFISTÓFELES Pois é, as coisas do ofício, do dever, nos obrigam.
Com quanta dor não deixamos alguns lugares
E não podemos ficar nunca.

MARTA Quando se é moço é bom
Cruzar assim livre e solto, de um lado do mundo para o outro.
Mas os anos malvados chegam
E se arrastar sozinho para a cova
Nunca agradou ninguém.

MEFISTÓFELES Essa perspectiva me deixa horrorizado.

MARTA Por isso é bom pensar nisso logo, com cuidado.

[*Passam.*]

MARGARIDA É, longe dos olhos, longe do coração!
O senhor tem fluência na gentileza.
Deve ter tantos amigos,
Muito mais inteligentes do que eu.

FAUSTO Oh, formosa! Acredita, o que se chama de inteligência
É antes falta de senso, teimosia e vaidade.

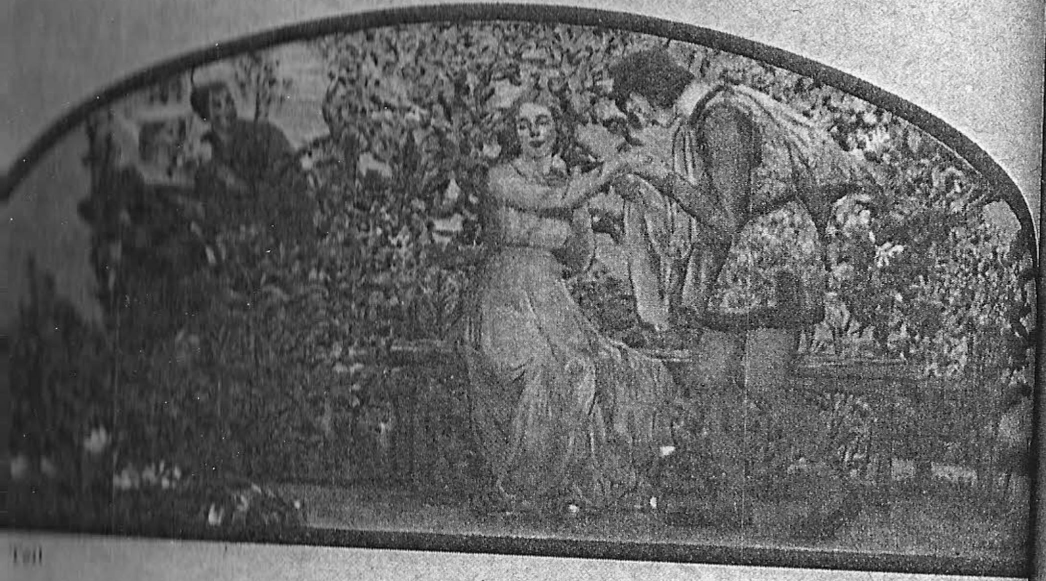
MARGARIDA Como?

FAUSTO Ah, jamais a singeleza e a inocência
Reconhecem em si mesmas seu valor sagrado!
Que a humildade e a modéstia são os maiores dons
Da natureza generosa e amorosa —

MARGARIDA Pense em mim um só instante,
Eu terei tempo bastante para pensar no senhor.

FAUSTO Decerto estás sempre só?

MARGARIDA Sim, nossa casa é muito pequena
Mas mesmo assim requer cuidado.



PROF. RENT

MARTHES GARTEN

Laß diesen Blick, laß diesen Händedruck
Dir sagen, was unaussprechlich ist.

Não temos criados, tenho de cozinhar, varrer, costurar,
Lavar — é o dia todo sem parar.
E minha mãe é tão exigente,
É muito rigorosa.
Não que ela tenha de se preocupar muito.
A gente bem que poderia viver com mais folga do que outros.
O meu pai deixou-nos uma razoável fortuna,
Uma pequena casa e um jardim na entrada da cidade.
Mas agora os meus dias são bem tranqüilos.
Meu irmão é soldado
E minha irmãzinha morreu.
Até que ela me dava um certo trabalho,
Mas eu faria tudo outra vez
Porque gostava muito dela.

FAUSTO Um anjo se era parecida contigo.

MARGARIDA Eu a criei e ela me queria muito.
Nasceu depois da morte de meu pai.
Pensamos que minha mãe iria morrer também,
Tamanho foi seu sofrimento.
Ela se recuperou muito devagar.
E não podia nem pensar
Em amamentar a pobre criaturinha.
Aí cuidei dela sozinha,
Com água e leite e ela era minha.
Em meus braços e no meu colo,
Crescia alegre e inquieta.

FAUSTO Decerto te sentias muito feliz!

MARGARIDA Seu berço ficava perto da minha cama.
E era só se mexer
Que eu já acordava.
Ora para amamentar, ora para colocá-la na cama comigo.
E quando não pegava no sono, tinha de levantar,
Embalá-la, caminhando pelo quarto, para lá e para cá.
E bem cedo eu já estava esfregando roupa,
Depois ia à feira e corria para o fogão.
E era assim, dia após dia, sem interrupção.
Aí, meu senhor, a gente nem sempre tem ânimo,
Mas aprecia-se muito a comida e o descanso.

[*Passam.*]

MARTA Mas me diga uma coisa, o senhor ainda não encontrou...
Seu coração ainda não se amarrou em lugar nenhum?

MEFISTÓFELES Diz o ditado: Boa mulher e bom fogão
Valem mais que ouro puro na mão.

MARTA Digo, o senhor nunca teve vontade?

MEFISTÓFELES Em todos os lugares fui aceito com muita generosidade.

MARTA Quis dizer: seu coração nunca levou a sério?

MEFISTÓFELES Com mulheres não se brinca nunca.

MARTA Ah! O senhor não me compreende.

MEFISTÓFELES Sinto muito, de coração,
Mas eu entendo que a senhora é boa demais.

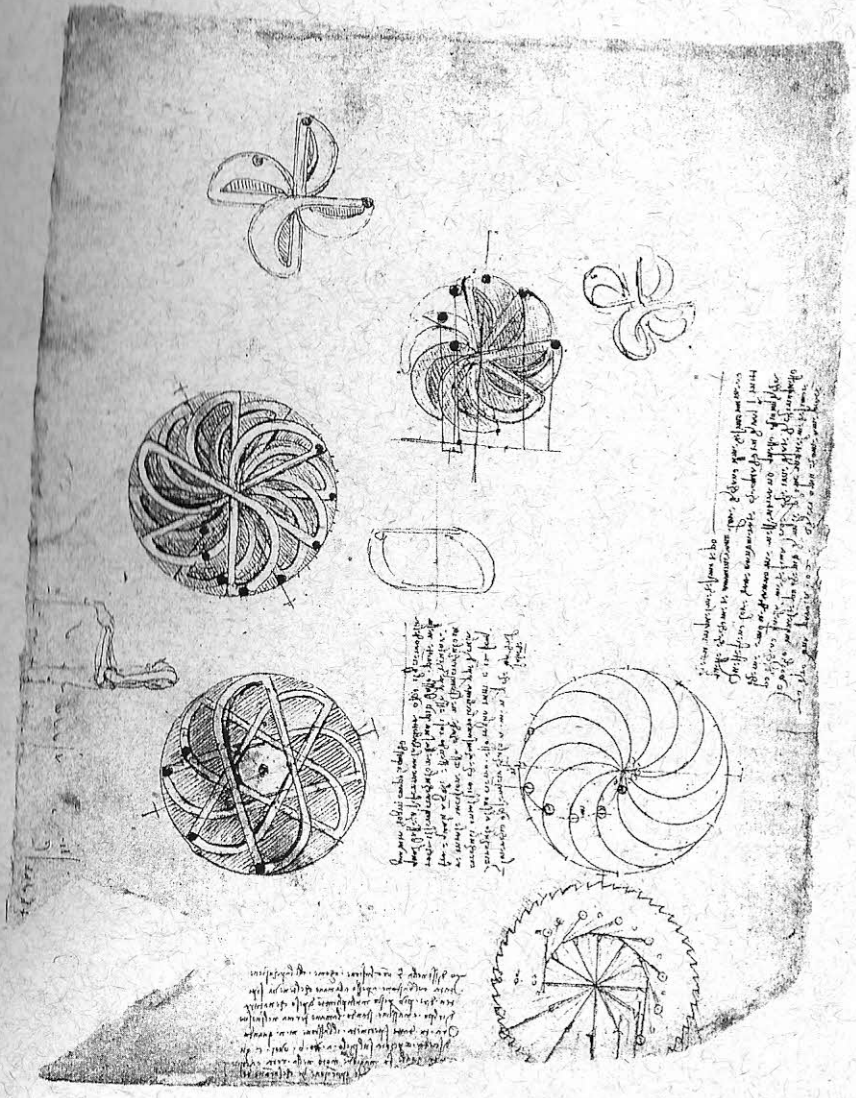
[*Passam.*]

FAUSTO Reconheceste a mim, meu anjinho,
Logo que pisei no jardim?

MARGARIDA Então não notaste? Baixei os olhos no mesmo instante.

FAUSTO E perdoas a liberdade que tomei
Quando saías outro dia da igreja
e malcriado te abordei?

MARGARIDA Eu fiquei abalada, nunca tinha acontecido comigo;
Ninguém podia falar um "a" de mim;
Ah, pensei, será que percebeu em meu comportamento
Algo de malcriado, de indecente
Que logo lhe veio o desejo de
Me abordar como se faz com uma qualquer?
Mas devo confessar! Eu não sei o que foi que aconteceu,
O que começou a agir a teu favor.
Só sei que, de repente, eu estava tão brava comigo
Que não dava para ficar brava contigo.



FAUSTO Doce Guida.

MARGARIDA Espera aí.

[*Colhe um bem-me-quer e desfolha uma pétala após a outra.*]

FAUSTO O que é isso? Um buquê?

MARGARIDA Não, é só uma brincadeira.

FAUSTO Como é?

MARGARIDA Ah vai, ririas de mim.

[*Ela tira as pétalas e murmura.*]

FAUSTO O que murmuras?

MARGARIDA [*a meia voz*] Bem-me-quer... malmequer...

FAUSTO Ah, encanto celeste!

MARGARIDA [*prossegue*] Bem-me-quer, malmequer...
bem-me-quer... malmequer —
[*Arranca a última pétala com enorme alegria.*]
Bem-me-quer!

FAUSTO Sim, minha menina! Que essa palavra floral
Seja a expressão divina: Ele te quer!
Entende o que isso significa: Ele te quer!

[*Toma-lhe as duas mãos.*]

MARGARIDA Estou tremendo!

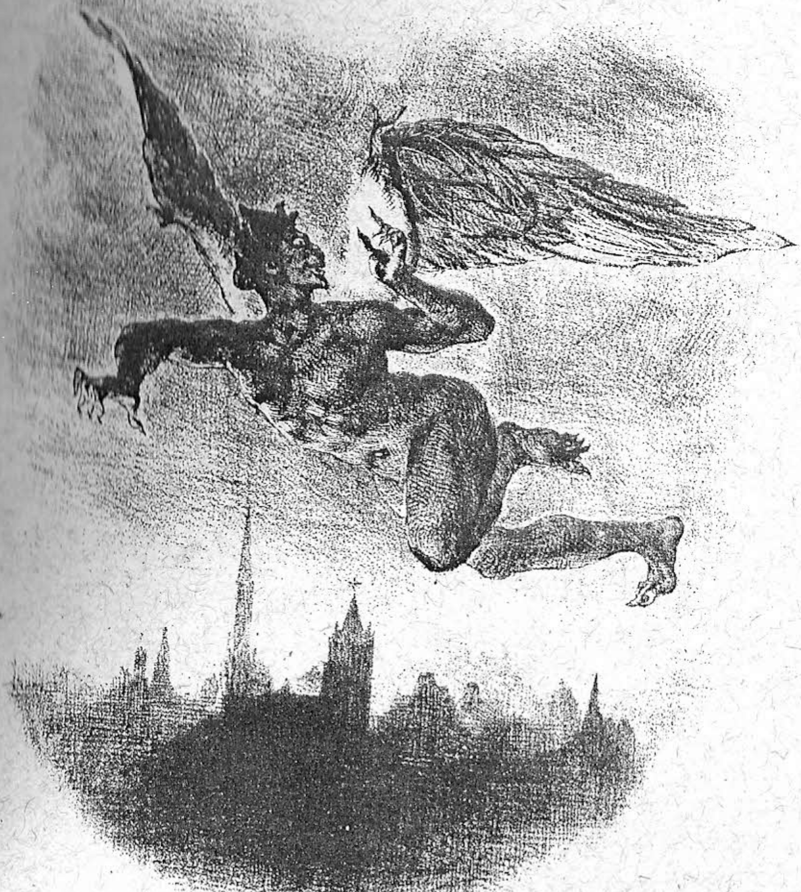
FAUSTO Não tremas! Deixa que este olhar,
Que este aperto de mão te diga
O impronunciável:
A entrega absoluta e o gozo,
Que deve ser eterno!
Eterno! — Seu fim seria o desespero!
Não, não, sem fim! Sem fim!

[*Margarida aperta as mãos dele, desprende-se e foge. Fausto fica um instante absorto em pensamentos, depois a segue.*]

MARTA A noite está chegando.

MEFISTÓFELES É, e nós já vamos indo.

MARTA Bem que eu gostaria que ficassem mais tempo
Mas a vizinhança aqui é muito maldosa.
Parece que ninguém tem mais nada a fazer,
Não tem outro interesse que
Não o de ficar no encalço do vizinho, passo a passo,



E a gente acaba ficando falada, à toa, por nada.
E o nosso casalzinho?

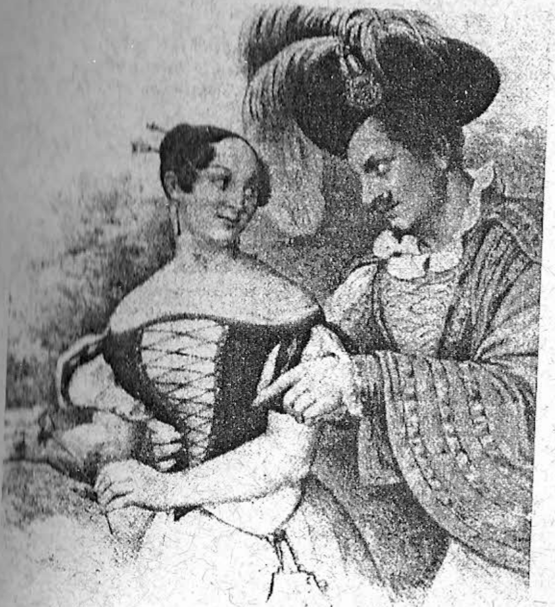
MEFISTÓFELES Saiu voando, ali atrás dos arbustos.
Passarinhos travessos!

MARTA Parece que ele está gostando dela.

MEFISTÓFELES E ela dele também. Esse é o curso da Terra.

Num caramanchão

Margarida entra com o coração batendo forte, esconde-se atrás da porta, leva a ponta dos dedos à boca e olha pela fresta



MARGARIDA Ele está vindo!

FAUSTO Ah, danadinha, estás brincando comigo! Eu te pego!
[*Ele a beija.*]

MARGARIDA [*abraçando-o e correspondendo ao beijo*]
Ah, melhor dos homens, te amo há muito tempo!

[*Mefistófeles bate à porta.*]

FAUSTO [*batendo o pé*] Quem está aí?

MEFISTÓFELES Um amigo!

FAUSTO Um animal!

MEFISTÓFELES Está chegando a hora da despedida.

MARTA Sim, já está tarde, meu senhor.

FAUSTO Posso acompanhá-las?

MARGARIDA Minha mãe iria!... Adeus!

FAUSTO Então devo partir? Adeus!

MARTA Até logo!

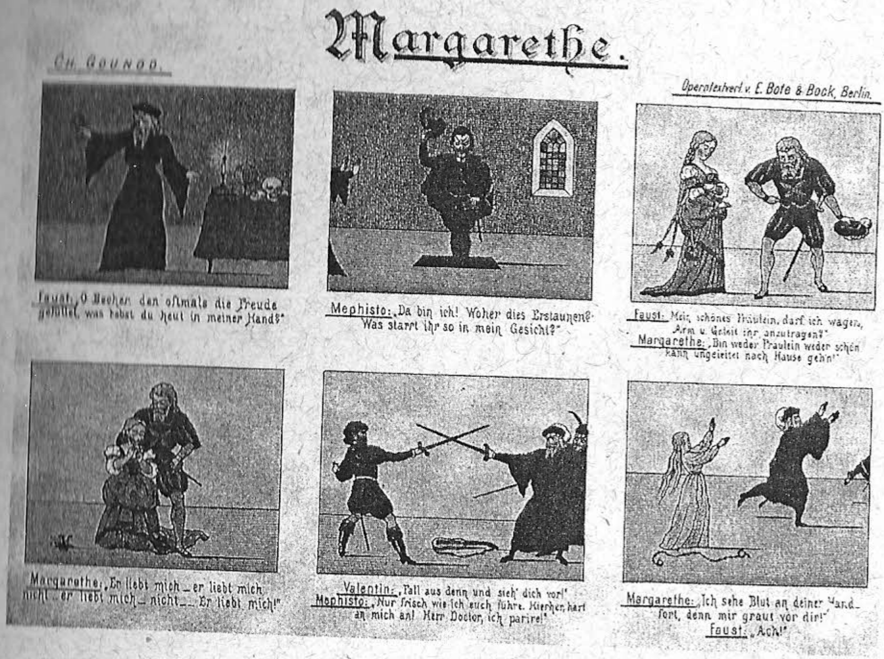
MARGARIDA Até um breve reencontro!

[*Fausto e Mefistófeles saem.*]

MARGARIDA Meu bom Deus, isso que é homem,
E sabe de tudo, pensa em tudo!
Fico tão envergonhada assim
Que para tudo digo sim.
Sou uma menina, de uma ignorância sem fim,
Não consigo entender o que ele vê em mim. [*Sai.*]

Quarto de Margarida

Guida sozinha à roca


Margarethe.
Ch. Gounod
Operntexthert v. E. Bote & Bock, Berlin.
Faust: „O Becher, den oftmals die Freude gefüllet, was hebst du heut in meiner Hand?"
Mephisto: „Da bin ich! Woher dies Erstaunen? Was starrt ihr so in mein Gesicht?"
Faust: „Mein schönes Fräulein, darf ich wagen, Arm u. Geleit ihr anzutragen?"
Margarethe: „Bin weder Fräulein weder schön kann ungeleitet nach Hause geh'n!"
Margarethe: „Er liebt mich – er liebt mich nicht – er liebt mich – nicht – Er liebt mich!"
Valentin: „Fall aus denn und sieh' dich vor!"
Mephisto: „Nur frisch wie ich euch führe. Hierher, hart an mich an! Herr Doctor, ich parire!"
Margarethe: „Ich sehe Blut an deiner Hand – fort, denn mir graut vor dir!"
Faust: „Ach!"

MARGARIDA Perdi minha paz
E o coração me pesa.
Já não acho mais,
Nem acharei jamais.

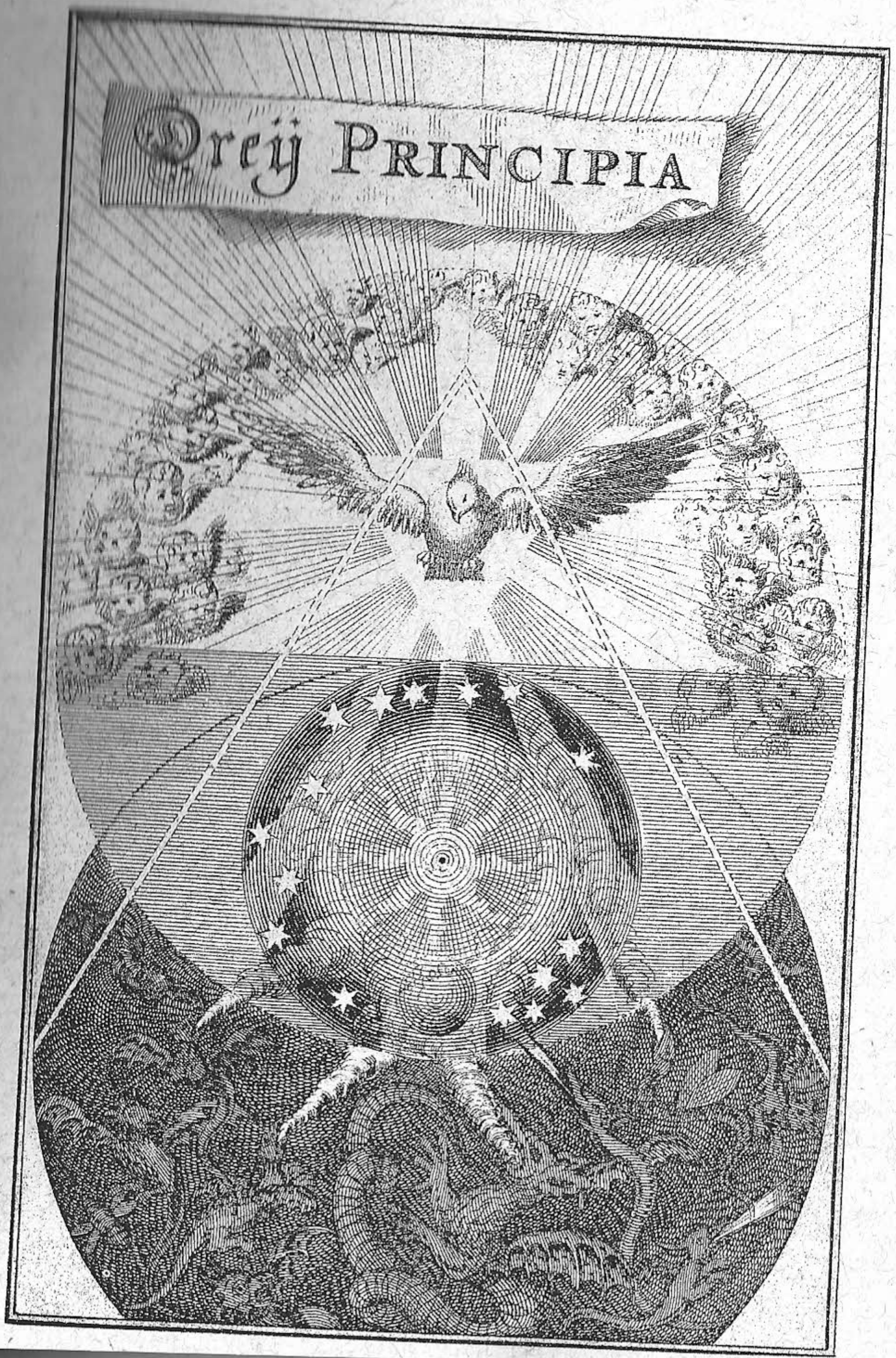
Quando ele não vem,
Não quero saber de nada,
Fico toda agoniada,
Já nem sei o que pensar.

Perdi a minha paz
E o coração me pesa.
Já não acho mais,
Nem acharei jamais.

Passo o dia na janela
Esperando por ele.
Só boto os pés na rua
Para ir atrás dele.

É que tem um jeito de se comportar,
Um sorriso diferente,
Que mexe com a gente, o olhar envolvente
E eu fico no ar.

Sua fala é
Puro feitiço,



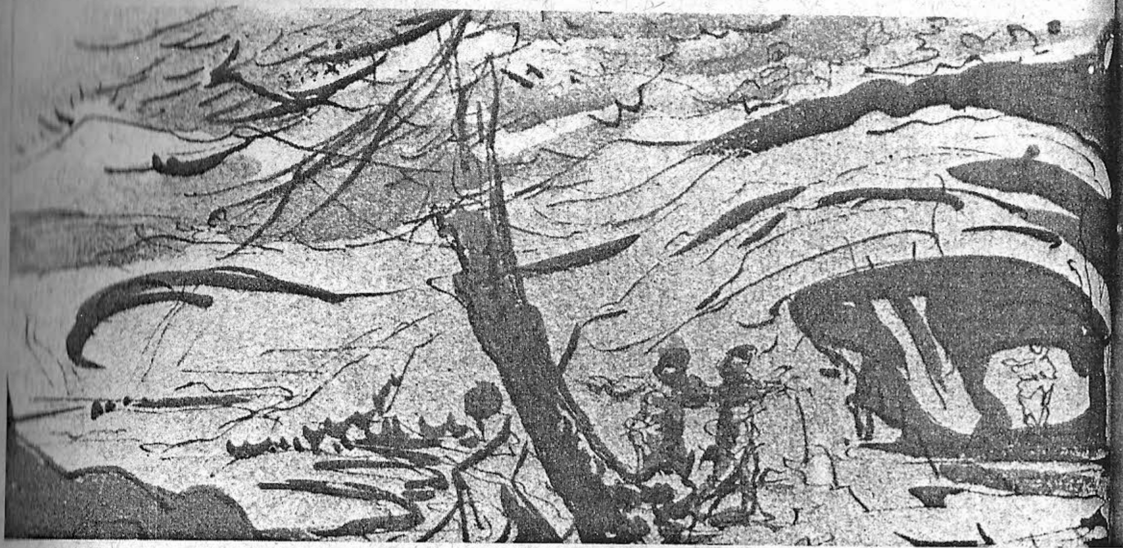
Um aperto de mão,
Com o beijo eu me atiço.

Refrão.

Ai, ai, ai, ai meu Deus,
Meu ventre busca por ele
Se estivesse ao lado meu.
Aí eu ia tocar
Abraçar
Cheirar
Beijar
Beijar
Beijar
Beijar, beijar, beijar
E quem sabe até...
Morrer!

Jardim de Marta

Margarida, Fausto



GUIDA Diz-me uma coisa, Henrique!

FAUSTO O que é?

GUIDA Como és com a religião?
És um homem amável e bom
Mas acho que não tens muita devoção.

FAUSTO Deixa disso, menina, tu já sentes que sou bom;
Dei corpo e sangue por quem amo,
Não quero roubar o sentimento de ninguém, nem a religião.

GUIDA Isso não é certo, é preciso crer!

FAUSTO É preciso?

GUIDA Ah, se eu tivesse sobre ti algum poder.
Também não veneras os sagrados sacramentos.

FAUSTO Venero, sim.

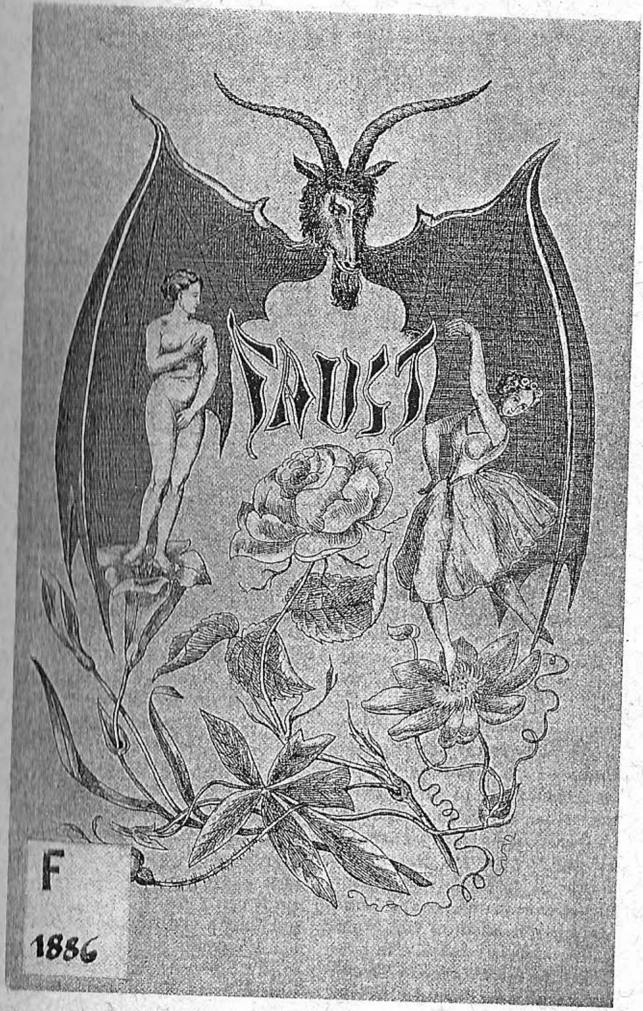
GUIDA Mas sem convicção.
Há quanto tempo não visitas a igreja, não vais à confissão?
Acreditas em Deus?

FAUSTO Minha menina, quem pode dizer:
Eu acredito em um Deus!
Podes perguntar aos padres, aos sábios

E a resposta sempre parece um deboche
A quem pergunta.

MARGARIDA Então não acreditas?

FAUSTO Não me entendas mal, minha doce criatura!
Quem é que pode nomeá-lo?
E quem pode declarar:
Eu acredito nele?
Quem ousaria sentir
E se expor dizendo:
Eu não acredito nele?
Ele, que tudo envolve,
Que tudo contém,
Acaso não abrange e contém
A ti, a mim e a si próprio?
O céu não se curva lá em cima?
A terra não está bem firme aqui embaixo?
E por todos os lados não se elevam
Eternas estrelas?
Quando te encaro, olhos nos olhos,
Tudo não pulsa no teu coração e na tua mente
E trama em eterno mistério,
Invisível e visível ao lado teu?
Preenche teu coração, do tamanho que for, com isso
E quando estiveres feliz, impregnada desse sentimento,
Dá a ele o nome que quiseres,
Chama-o de sorte! Coração! Amor! Deus!



Eu não tenho nome
Para isso, sentimento é tudo.
Nome é som e fumaça
Que encobre o ardor celeste.

GUIDA Isso tudo está muito bem e muito bom;
O catecismo diz mais ou menos a mesma coisa
Só que com palavras um pouco diferentes.

FAUSTO É o que dizem em toda parte
Todos os corações sob a luz celeste do dia,
Cada um com sua linguagem.
Por que eu não posso com a minha?

GUIDA Ouvindo, até que parece bem razoável
Mas tem alguma coisa torta
Porque não tens o cristianismo.

FAUSTO Querida menina!

GUIDA Já faz tempo que me dói
Ver-te nessa companhia!

FAUSTO Como assim?

GUIDA Essa pessoa que tens ao teu lado
Provoca-me ódio no fundo da alma;
Em toda a minha vida,

Nada apertou tanto assim meu coração,
Como a cara desse sujeito.

FAUSTO Linda boneca, não tenhas medo dele.

GUIDA A presença dele movimenta o meu sangue.
Costumo gostar das pessoas;
Mas toda vez que tenho vontade de te ver,
Lá no fundo sinto pavor enorme desse sujeito.
Penso que ele não presta.
Que Deus me perdoe se estiver enganada!

FAUSTO É um sujeito esquisito, como outros tantos.

GUIDA Não quero viver com alguém assim.
Quando ele entra
Tem sempre uma cara de ironia,
Meio feroz;
A gente percebe que ele não participa de nada;
Está escrito em sua testa
Que ele não é capaz de amar alguém,
Sinto-me tão bem em teus braços,
Tão livre, tão aconchegada.
E a presença dele me transtorna.

FAUSTO És um anjo sensível.

GUIDA Isso me incomoda tanto,

Que é só ele se aproximar da gente,
Que chego até a pensar que não te amo mais.
Quando está perto nem rezar consigo
E isso corrói meu coração;
Contigo, Henrique, também deve se passar o mesmo.

FAUSTO Isso já é antipatia!

GUIDA Preciso ir embora.

FAUSTO Será que nunca terá jeito
De passar ao teu seio uma horinha sossegada?
E colar o peito no peito e a alma na alma?

GUIDA Ah, se eu dormisse sozinha
Eu bem que deixaria a tramela aberta para ti;
Mas o sono da minha mãe não é pesado,
E se ela nos apanhasse,
Eu morreria no mesmo instante.

FAUSTO Ah, meu anjo, não há perigo.
Toma esse frasquinho, bastam três gotinhas
Em sua bebida para envolvê-la
Em sono profundo, de agradável natureza.

GUIDA O que eu não faço para te agradar!
Isso não fará mal a ela, espero?

FAUSTO Então, se fizesse eu te indicaria, queridinha.

GUIDA É só olhar para ti, melhor dos homens,
Não sei o que me faz orientar pelo teu desejo,
Por ti já fiz tanto
Que quase já não resta mais nada a fazer. [*Sai.*]

MEFISTÓFELES [*entra*] A macaquinha! Se foi?

FAUSTO Andaste espionando de novo?

MEFISTÓFELES Eu ouvi bem, com todas as letras.
O doutor estava sendo catequizado.
Espero que tenha te feito bem.
As moças estão mesmo muito interessadas em saber
Se o sujeito é crente e piedoso conforme os velhos costumes.
Pensam que quem os segue irá segui-las também!

FAUSTO Tu, monstro, não reconheces
Como essa alma angelical,
Plena de sua crença
Que por si só a torna feliz, se atormenta
Com medo de que se perca aquele que ama.

MEFISTÓFELES Que amante transcendental, mais sensual,
Uma criadinha manda em ti.

FAUSTO Aborto do fogo e do lodo!

MEFISTÓFELES E ela é mestra em fisionomia.
Na minha presença ela sente, ela não sabe bem,
Minha máscara vaticina seu senso oculto,
Ela sente que sou um gênio certamente,
Talvez até mesmo o diabo.
Então, hoje à noite...

FAUSTO O que tens com isso?

MEFISTÓFELES Eu também tenho certo prazer nisso.

No lavadouro público

Margarida e Lisa carregando cântaros

LISA Não ouviste falar de Bárbara?

GUIDA Nenhuma palavra, é tão difícil encontrar as pessoas.

LISA Pois é, Cibele me contou hoje!
Ela também se entregou.
Ser grã-fina deu nisso!

GUIDA Como?

LISA Fedeu!
Agora alimenta dois quando bebe e quando come.

GUIDA Nossa!

LISA É, sim, foi isso que aconteceu.
Também, ficou tanto tempo pendurada no pescoço do sujeito!
Era um tal de ir passear,
Levar pra roça e pra dançar,
Tinha de ser a primeira em todo lugar.
Ele sempre a cortejava com pastelzinho e vinho.
Passou a acreditar que era linda,
Não tinha escrúpulos nem pudor,
Ia aceitando qualquer presente.
De tantas carícias e beijos para cá,
Foi-se a flor para lá.

GUIDA Coitadinha!

LISA Não vale um fio de cabelo de dó.
Enquanto a gente fiava na roca
E à noite tinha a mãe do lado,
Ela passava feliz com o namorado.
Na soleira da porta e no escurinho do vestíbulo,
As horas voavam.
Agora ela tem de se humilhar
E fazer penitência com o cilício na igreja!

GUIDA Mas ele vai casar com ela, certamente.

LISA Só se fosse louco. Rapaz ligeiro,
Respira outros ares.
Já foi.

GUIDA Isso não se faz.

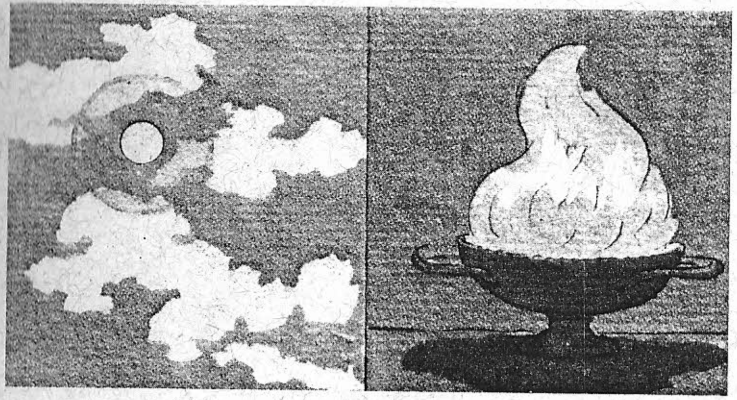
LISA Se ficasse com ele ia se dar mal.
Não impediria que os rapazes lhe arrancassem a grinalda,
Nem que espalhássemos palha diante da porta dela! [*Sai.*]

GUIDA [*voltando para casa*] Como pude ser tão cruel
Quando uma moça se perdia!
Como falava de boca cheia
Quando o pecado era alheio!
Via a coisa suja, ainda mais suja do que era

E mesmo assim não era suja o bastante pra mim.
E me benzia e me exibia.
E agora, quem peca sou eu!
Mas tudo que me levou a isso
Deus! Foi tão bom, tão doce!

Baluarte

Num nicho no muro a imagem de Mater Dolorosa
Vasos de flores diante dela



GUIDA [*debruçada, balança os jarros no poço, enche-os com flores frescas que trouxe com ela*]
Inclina,
Oh reino da dor,
Teu semblante ao meu sofrer!

No peito a espada
Surda mágoa
Teu filho assistes morrer!

Envias ao Pai
Teus suspiros e ais
Do teu triste sofrer!

Quem sente
Como arde
Em meus ossos a dor?
O que meu pobre coração teme,
O que quer, por que treme?
Somente tu podes supor.

Não importa para onde eu for
Que dor, que dor, ai que dor
Sinto aqui no peito!
E quando estou só
Um nó, um nó, que nó.
Em choro o coração desfeito.

Os cacos na minha janela
Com lágrimas molhei!
Quando de manhãzinha
Essas flores pra ti levei.

Tão logo o sol entra
Bem cedo em meu aposento,
Sentada me encontra
Sobre o leito num lamento.

Salva-me da vergonha e da morte!
Inclina,
Oh reino da dor,
Teu semblante ao meu sofrer!

Catedral

Missa — Exequien *da mãe de Guida*
Guida, todos os parentes
Ofício, órgão e coro

ESPÍRITO MAU [*atrás de Guida*]
Como eras diferente,
Quando ainda inocente,
Pisavas no altar
E, do teu livrinho gasto,
Murmuravas preces,
O coração dividido entre criancices
E o amor a Deus!
Guida!
Onde estás com a cabeça?
Qual o pecado em teu coração?
Oras pela alma da tua mãe
Que por ti adormeceu em pena eterna?
E sob o teu coração
Já não bate borbulhante,
A marca da vergonha — sinal do nascimento?
E angustia a ti e a si,
Com vingativa presença?

GUIDA Ai! Ai!
Se pudesse me livrar desses pensamentos,
Que vão e vêm,
Contra mim!

CORO *Dies irea, dies illa*
Solvet saeculum in favilla. [*Som de órgão.*]

ESPÍRITO MAU A raiva te consome!
O som da trombeta!
Tremem os túmulos!
E o teu coração,
Ressuscitado
Da paz das cinzas
Para os martírios da chama,
Palpita!

GUIDA Estivesse eu longe daqui!
Sinto o som do órgão
Tirando-me o fôlego,
O canto dissolvendo
Meu coração nas profundezas.

CORO *Judex ergo cum sedebit*
Quidquid lated adparebit
Nil inultum remanebit.

GUIDA Estou tão sufocada!
As colunas
Me aprisionam!
A abóbada
Me oprime! — Ar!

ESPÍRITO MAU Te escondes?
Tua vergonha e pecado
Acaso se escondem?

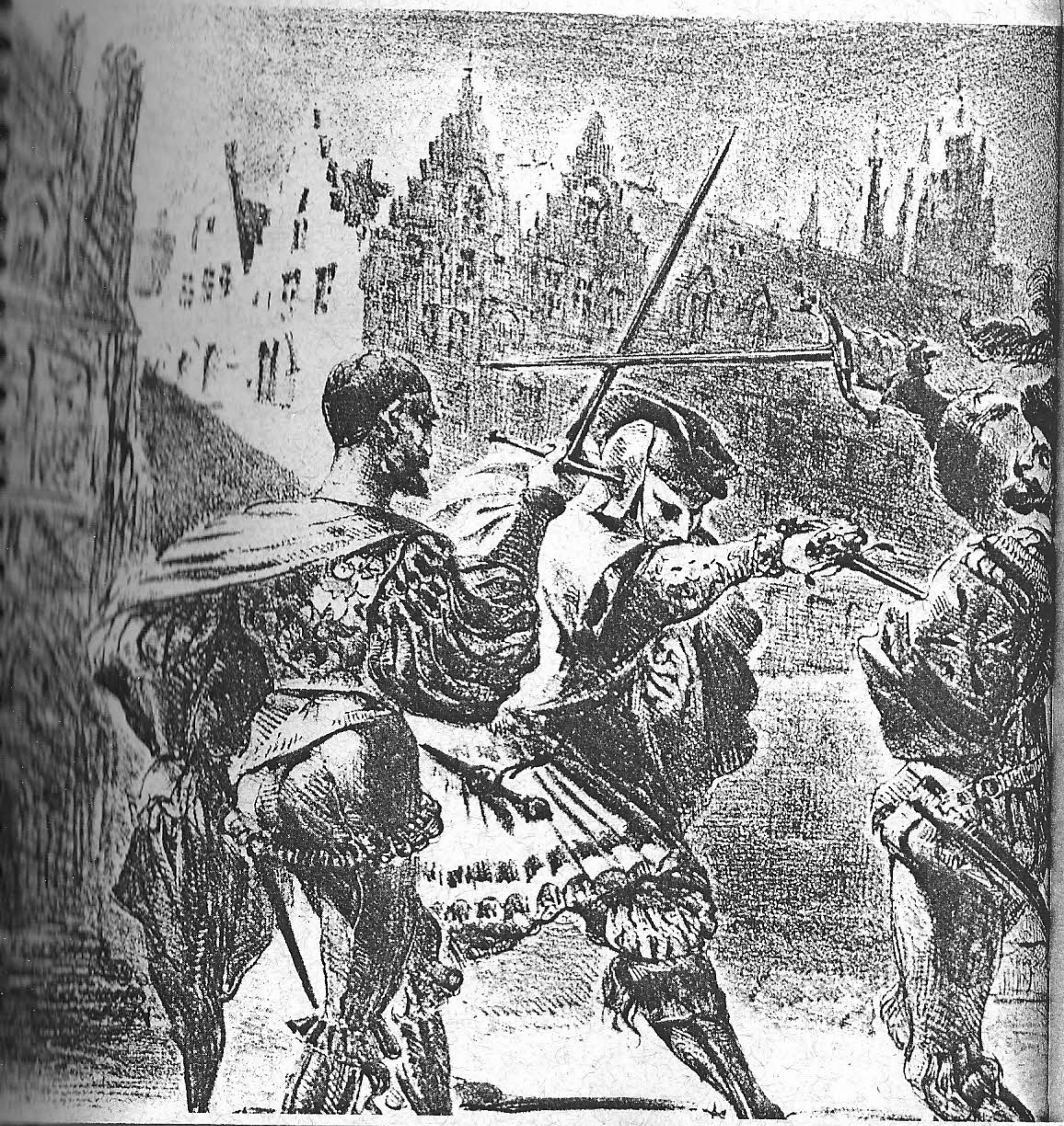
Ar? Luz?
Pobre de ti!

CORO *Quid sum miser tunc dicturus?*
Quem patronum rogaturus?
Cum vix justus securus?

GUIDA Vizinha! Os sais! —
[*Desmaia.*]

Noite

Diante da casa de Guida



VALENTIM [*soldado, irmão de Margarida*]

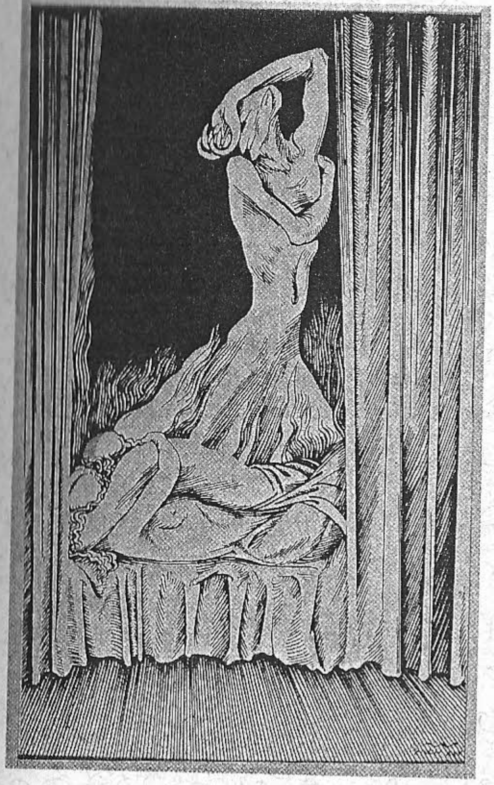
Quando eu participava de uma daquelas festas
Em que todos ficavam se gabando,
E em toda parte proliferavam
Mocinhas, cujas essências eram exaltadas,
Com o copo cheio — choviam elogios;
Eu, firme em meus cotovelos,
Sentado com toda a calma,
Ouvia toda essa jactância
E ria, aí coçava a minha barba
E dizia: "Cada um com seu gosto!
Mas haverá alguma neste país
Que se compare à minha querida irmã Guida,
Que chegue aos seus pés?".
Clap! Clap! Aplauso! Aplauso! Por toda parte.
Uns gritavam: "Ele tem razão,
Ela é o encanto do encanto feminino!".
E todos os gabolas ficavam mudos!
E agora! — é de arrepiar os cabelos,
De subir as paredes!
Qualquer safado pode me insultar,
Gozar de mim, torcer o nariz!
E ainda que eu acabasse com ele,
Não poderia dizer que está mentindo.

[*Fausto, Mefistófeles*]

FAUSTO Como ali pela janela da sacristia,
A luz da lâmpada eterna, sobe flamejante
E ao lado, fraco e mais fraco alvorecer,
É oprimido pela escuridão ao redor!
Assim se faz noite neste peito.

MEFISTÓFELES Já eu me sinto como um gatinho franzino
Que se esgueira pelas escadas de incêndio
E passa pelos muros de mansinho.
Sinto-me bem, virtuoso até,
Um pouco de furto e de luxúria faz parte.
Estou pronto para outra! Pena
Que caminhes para teu ninho de amor
Como se caminhasses para a morte.

FAUSTO O que é a alegria celeste nos braços dela?
O abalo, o calor
Reprimem essa dor da alma?
Ah! Acaso não sou o fugitivo, sem-teto,
O monstro sem causa e sem paz
Que se derrama como queda d'água de rocha em rocha
Furioso na ânsia de encontrar o abismo?
E, ao lado, ela envolvida em seu mundinho,
Em sua apatia infantil,
Esse seu jeitinho caseiro,
Na casinha, num pedacinho dos Alpes.
E eu, o renegado de Deus,
Não tinha o bastante,



Tinha de agarrar as rochas
E transformá-las em escombros!
Para soterrar a ela e a sua paz!
Tu, inferno, querias este sacrifício!
Ajuda-me, Diabo, a encurtar o meu tempo de medo,
Faze com que aconteça logo o que tiver de acontecer!
Faze com que o destino dela despenque sobre mim
E que ela soçobre comigo!

MEFISTÓFELES Como voltou a arder! Voltou a queimar!
Anda, vai consolá-la, imbecil!
Quando uma cabecinha dessas não vê saída,
Já vai logo imaginando o fim.

[*Fausto, Mefistófeles*]

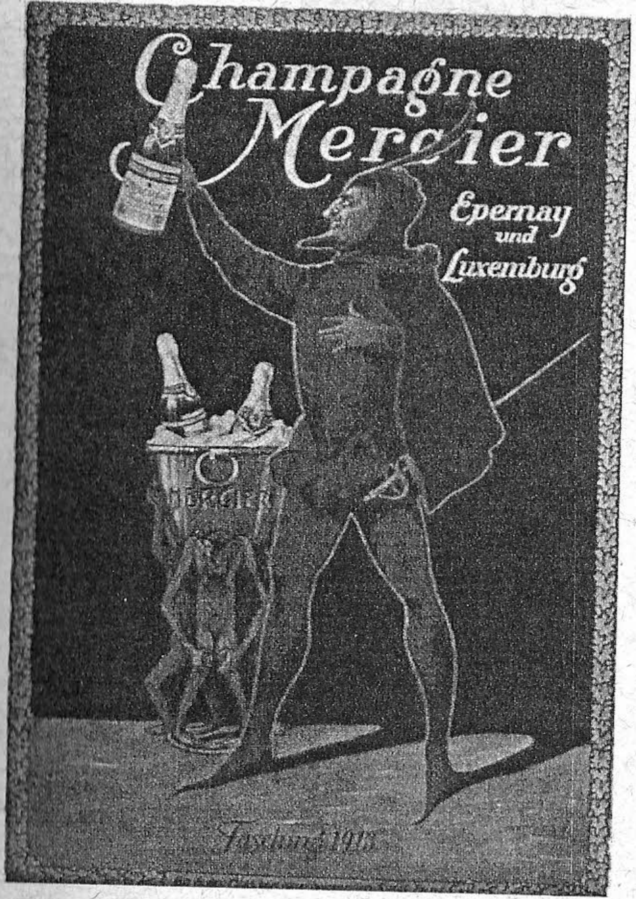
FAUSTO Na agonia! É desesperador! Deplorável, tanto tempo perdida na terra! Trancada no cárcere como criminosa, sofrendo torturas vis, a meiga, desgraçada criatura! Longe demais! — Espírito traidor, infame — escondeste isso de mim! Fica aí, fica! Revira teus olhos diabólicos em fúria na tua cabeça! Fica e me provoca com tua presença insuportável! Aprisionada! Na dor irremediável! Nas mãos dos maus espíritos e do ser humano justiceiro e insensível! Enquanto isso me embalas em alegrias já degustadas e ocultas o crescente desespero dela, deixando-a apodrecer indefesa!

MEFISTÓFELES Ela não é a primeira!

FAUSTO Cão! Monstro abominável! Transforma-o, espírito infinito transforma o verme em cão novamente, naquele que em horas noturnas gostava de correr à minha frente, postar-se diante dos pés do inofensivo caminhante para se pendurar nos ombros do que cai! Transforma-o novamente em sua forma predileta para que eu o pise com pés quando rastejar sobre a barriga na areia, o abjeto! — Não é a primeira! — Dor! Dor! incompreensível para a alma humana, que mais de uma criatura tenha caído nas profundezas da dor, que não tenha já a primeira, se debatendo na agonia da morte, bastado para resgatar os pecados das outras diante dos olhos do Eterno. Revira-me medula e vida, o sofrimento dessa única, e tu te divertes solto, sobre o infortúnio de milhares!

MEFISTÓFELES Maior dos sedutores, estás chegando ao fim de tua anedota, naquele ponto em que os senhores costumam perder a cabeça. Por que te associas a nós se não tens expediente para negociar? Queres voar e tens vertigem. Ei! Fomos nós os oferecidos ou foste tu?

FAUSTO Não arreganhes esses dentes famintos para mim, que me dá nojo! — Grande, poderoso espírito, que se dignou a aparecer para mim, que conhece meu coração e minha alma por que tinhas de me soldar a esse companheiro de opróbrio, que se farta no dano e se deleita com o apodrecimento?



MEFISTÓFELES Terminaste?

FAUSTO Salva-a! Ou, ai de ti! Que a mais terrível maldição caia sobre ti, por milhares de anos! Salva-a!

MEFISTÓFELES Não posso dissolver o bando de vingadores, abrir seus ferrolhos. Salvá-la? Quem foi que a atirou na perdição? Eu ou tu?

[*Fausto olha furioso ao seu redor.*]

MEFISTÓFELES Buscas o trovão? Ainda bem que ele não foi dado a vocês, míseros mortais!
Aniquilar o inocente que os contraria é o único artifício para abrir caminho em meio à confusão em que se metem.

FAUSTO Leva-me até lá! Ela precisa ser libertada!

MEFISTÓFELES E o perigo a que te expões? Saibas que na cidade ainda paira a culpa sangrenta que tu colocaste sobre ela. Sobre a casa da assassinada flutuam espíritos vingadores que aguardam o retorno do assassino.

FAUSTO Também isso devo a ti! Assassinato e morte de um mundo sobre ti, monstro! Leva-me até lá, estou dizendo, e liberta-a!

MEFISTÓFELES Irei conduzir-te — ouve o que posso fazer! Acaso tenho todo o poder no céu e na terra? Turvarei os sentidos do carcereiro, apodera-te da chave e conduze-a para fora com mão humana. Eu ficarei de vigília com os cavalos preparados. É o que posso fazer.

FAUSTO Vamos, então!

Noite, campo aberto

Fausto, Mefistófeles galopando em cavalos negros

FAUSTO O que estão tramando ali, ao redor do cadafalso?

MEFISTÓFELES Não sei o que cozinham e preparam.

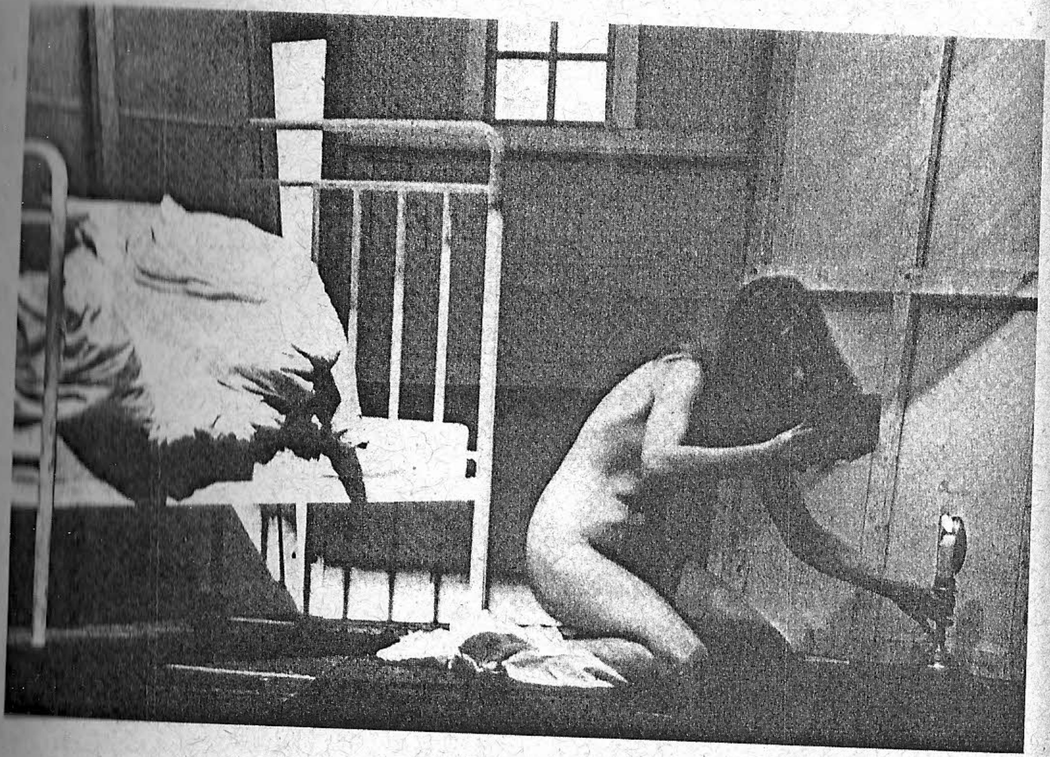
FAUSTO Flutuam para lá e para cá, vergam-se, inclinam-se.

MEFISTÓFELES É uma reunião de bruxas.

FAUSTO Semeiam e consagram!

MEFISTÓFELES Passa! Passa!

Cárcere



Fausto [*com um molho de chaves e uma lanterna diante de uma portinhola de ferro*] Estou sendo tomado por um temor há muito reprimido. Pavor íntimo do ser humano. Aqui! Aqui! — Anda! — Teu medo atrai a hesitação da morte!

[*Pega a fechadura. Ouve-se canto do interior.*]

Minha mãe, uma puta,
Foi quem me matou!
Meu pai, um safado,
Foi quem me esganou!
Minha irmã pequenina
Guardou o que resta
Num lugar bem frio, no meio da floresta!
Belo passarinho, passarinho voa,
Voa passarinho, passarinho voa!

[*Fausto treme, cambaleia, se refaz e destranca a porta. Ouve o tilintar das correntes e a palha ciciar.*]

MARGARIDA [*escondendo-se*] Ai, ai! Estão chegando! Ó, morte amarga

FAUSTO [*em voz baixa*] Quieta! Eu venho para te libertar!

[*Pega as correntes dela para destrancá-las.*]

MARGARIDA [*na defensiva*] Sai! Meia-noite ainda! Carrasco, amanhã de manhã já não basta?

FAUSTO Deixa!

MARGARIDA [*contorce-se diante dele*] Tem piedade de mim e deixa-me viver! Sou tão jovem, tão jovem, era bela, sou só um pobre menina. Olha estas flores, dá uma olhada na grinalda. Tem piedade de mim! O que foi que te fiz? Em meus dias nunca te vi.

FAUSTO Ela está delirando e eu não consigo evitar.

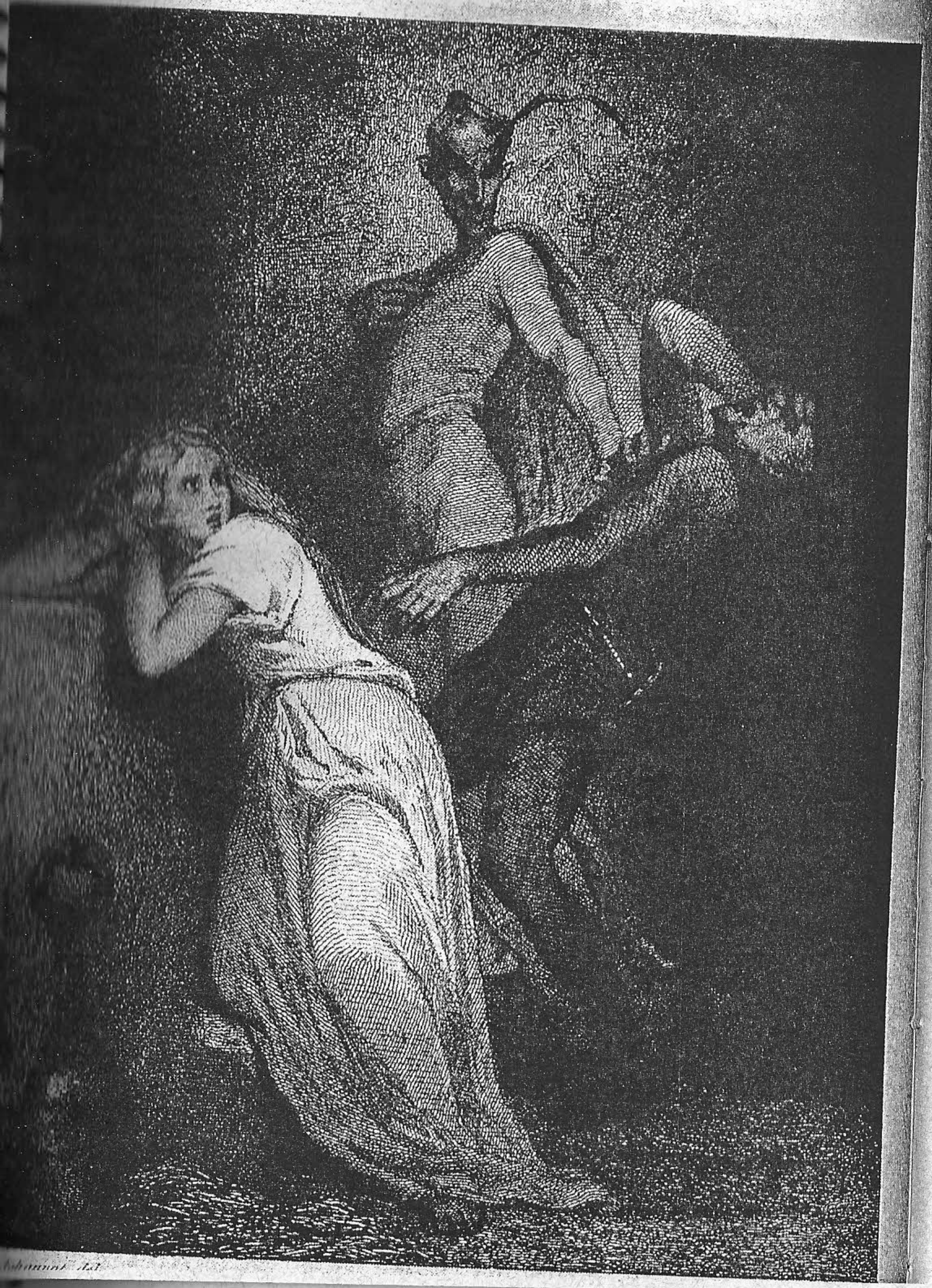
MARGARIDA Vê a criança! Tive de dar de mamar; estava comigo ainda agora! Aqui mesmo! Eu a estava amamentando! Arrancaram-na de mim e falaram que eu a matei e ficam cantando de mim! Não é verdade — é a história que termina assim, não é de mim que cantam.

FAUSTO [*atira-se aos pés dela*] Guida!

MARGARIDA [*ergue-se*] Onde está ele? Ouvi o seu chamado, ele chamava: Guida! Ele estava me chamando! Onde está ele O quê? Mesmo com todo o meu choro e o ranger dos dentes eu o reconheço, ele me chama: Guida! [*Atirando-se ao chão.*] Homem! Marido! Dêem-me, dêem-no a mim! Onde está ele

FAUSTO [*agarra-a, irado, pelo pescoço*] Minha amada! Minha amada!

[*Margarida afunda a cabeça em seu colo, escondendo-se.*]



FAUSTO Levanta, querida! Teu assassino será teu libertador.
Levanta! [*Destranca a corrente de seu braço.*] Vem, vamos
escapar desse terrível destino.

MARGARIDA [*recostada nele*] Beija-me! Beija-me!

FAUSTO Milhões de vezes! Só que agora anda, Guida, anda!

MARGARIDA Beija-me! Não sabes mais beijar? O quê? Como?
És meu Henrique e desaprendeste a beijar? Antes todo o céu
penetrava sobre mim quando me abraçavas!
E beijavas como se quisesses sufocar-me em morte voluptuosa!
Henrique, beija-me senão beijo-te eu! [*Abraça-o.*] Nossa!
Os teus lábios estão frios! Mortos! Não respondem!

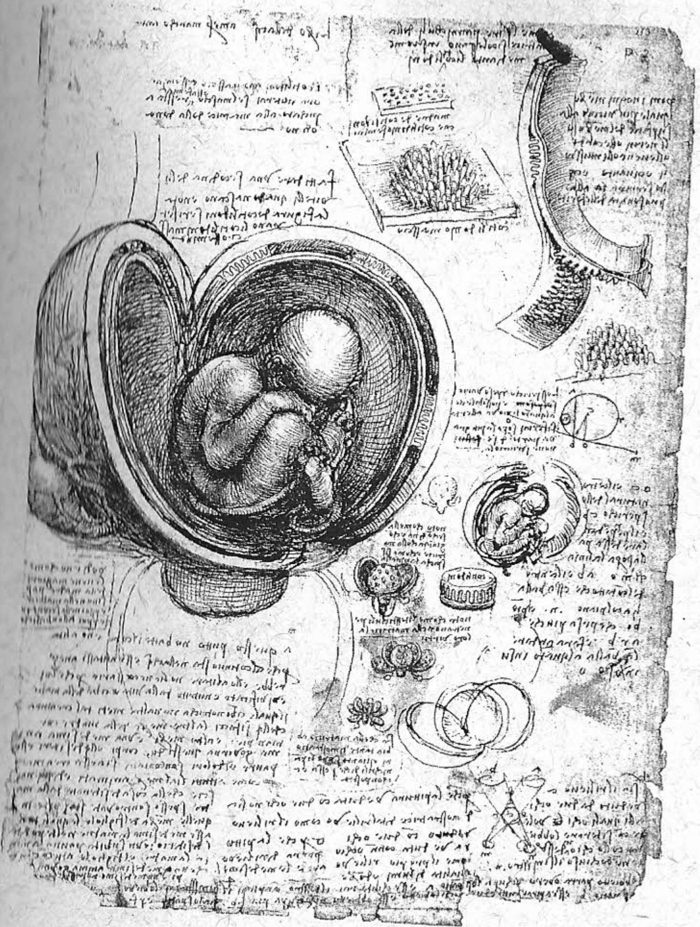
FAUSTO Vem comigo, que te acarinho com infinita paixão.
Agora vem, vem!

MARGARIDA [*senta-se e permanece calada por um tempo*]
Henrique, és tu?

FAUSTO Sou eu, vem comigo!

MARGARIDA Eu não entendo! Tu? Rompes a minha corrente.
Quem estás libertando? Sabes quem?

FAUSTO Vem! Vem!



MARGARIDA Eu matei a minha mãe! Afoguei o meu filho! Teu filho, Henrique! — Meu Deus do céu, e isso não é um sonho? Tua mão, Henrique! — Está tão úmida — Enxuga-a, peço-te! Tem sangue — guarda tua espada! Estou ficando louca da cabeça.

FAUSTO Estás acabando comigo!

MARGARIDA Não, deves sobrar, sobrar a tudo. Quem cuidou dos túmulos? Assim em fila, te peço, ao lado da mamãe e de meu irmão, ali. Coloca-me lá com o pequeno ao meu peito direito. Coloca a tua mão por cima. Tu és meu Henrique!

FAUSTO [*quer tirá-la dali*] Não estás me sentindo? Não me ouves? Vem! Sou eu, vou te libertar.

MARGARIDA Lá para fora?

FAUSTO Liberdade!

MARGARIDA Lá para fora? Nem se me derem o mundo. O túmulo está lá fora, vem! A morte espreita, vem! Daqui para o leito do eterno repouso, nem um único passo a mais. Ah, Henrique, pudesse eu ir contigo a toda parte!

FAUSTO A porta está aberta, não demora!

MARGARIDA Estão me espreitando no caminho da floresta.

FAUSTO Sai! Sai!

MARGARIDA Nem pela minha vida! — Não vês como mexe? Salva o pobre verme, ele ainda mexe! — Vai embora! Anda logo! É só cruzar a ponte, entrar direto na floresta, à esquerda no lago, onde fica a tábua de lavar. Corre! Salva-o! Salva-o!

FAUSTO Salvo! Salvo a ti!

MARGARIDA Bastava que passássemos a montanha, lá está a minha mãe numa pedra, balançando a cabeça! Ela não acena, não se mexe, a cabeça está pesada. Ela tinha de dormir para que pudéssemos estar juntos e nos alegrar.

[*Fausto agarra-a e tenta levá-la à força.*]

MARGARIDA Eu grito bem alto, tão alto que todos vão acordar!

FAUSTO O dia está clareando. Oh, querida! Querida!

MARGARIDA Dia! Está amanhecendo! O último dia! O dia do casamento! — Não conta para ninguém que passaste a noite anterior com Guida. — Minha grinalda! — Nos veremos de novo! — Ouviste, o povo arrasta os pés pelos becos! Ouves? Nenhuma palavra em voz alta. O sino chama! — Craque, a varinha se quebra! — O fio que me fulmina, fulmina cada nuca! — O sino! Ouve!

MEFISTÓFELES [*aparece*] Andem! Ou estarão perdidos, os meus cavalos fremem, está amanhecendo!

MARGARIDA Esse aí! Esse! Deixa-o! Manda-o embora daqui! Ele me quer! Não, não! Que recaia sobre mim o juízo de Deus. Sou vossa; salvai-me! Nunca, nunca mais! Adeus para todo o sempre! Adeus, Henrique.

FAUSTO [*abraçando-a*] Eu não vou te deixar!

MARGARIDA Ó, anjos sagrados, preservai minha alma! — Estou com medo de ti, Henrique.

MEFISTÓFELES Ela está condenada! [*Desaparece com Fausto. A porta se fecha rangendo.*]

[*Ouve-se ecoando*] Henrique! Henrique!

CAPA Jacque de Lajoue, *The Cabinet of Monsieur Bonnièr de la Mosson* [detalhe], *c.*1750. Sir
Alfred Beit, Bart. VERSO DA CAPA E P.207 Odilon Redon, *Mephistopheles* [*il montre son ongle*],
1877. Coleção do Sr. e Sra. Eugene V. Thaw, Nova York. P.6 Goethe, *Luise von Göchhausen*,
c. 1776. Düsseldorf, Museu Goethe. P.10 Peter Apian, *Astronomicum Caesareum*, Ingolstadt,
1540. P.14 Oskar Graf, *Aparição do Espírito da Terra*. P.18 Gustave Courbet, *The Painter's*
Studio; A Real Allegory Determining a Seven Year Phase in my Artistic Life [detalhe], 1855.
Musée d'Orsay, Paris. P.20 Goethe, *Esboço para Fausto I, cena I*. P.24 Helmut Griem como Fausto.
Foto da revista *Theater heute*, n. 28, 1987. P.28 August Makart, *Österreich*, 1960. Verlag des Öster-
reichischen Gewerkschaftsbundes, Viena. P.30 Christoph Glaser, *Novum Laboratorium Medico-*
Chymicum, 1677. Nuremberg. P.34 Francesco Maria Guazzo, *Compendium Maleficarum*, Milão,
1609. P.42 Athanasius Kircher, *Mundus Subterraneus*, Amsterdã, 1664. P.48 Leonardo da Vinci,
Geometrical Figure in Perspective, *c.*1510. Biblioteca Ambrosiana, Milão. P.52 Gravura sobre
pintura de parede na Taverna de Auerbach em Leipzig, *c.* 1625. P.56 Henri Le Secq, *Still Life*,
c. 1855. International Museum of Photography at George Eastman House, Rochester. P.60 Fritz
Dannenberg, cartaz promocional da revista *Jugend*, 1897. P.64 Gerhard Kraaz, *Das Flohleid*.
P.66 Jacques de Gheyn II, *Animal Studies* [detalhe], 1880. Coleção particular, Nova York. P.68
Panfleto promocional de lixas de unha. P.76 Odilon Redon, *Devil Carring Off a Head* [detalhe],
1876. Musée du Louvre, Paris. P.78 Eugène Delacroix, ilustração para o *Fausto* de Goethe.
P.80 Karl Spitzweg, *Kirchgang*, *c.*1850. P.82 Marionetes de Harro Siegel, 1946-47. P.86 Imagem
de Geraldine Farrar, cartão postal sem data. P.90 Friedrich Kayssler como Fausto, 1909. P.92
Margarida no quarto, gravura sobre um desenho de Moritz Retzsch. P.96 Mathilde Hoffmann
como Margarida, cartão postal de 1899. P.98 Max Reinhardt como Mefistófeles, 1900. P.104
Odilon Redon, *The Window*, *c.* 1894. Coleção particular, cortesia de Wolfgang Werner, Bremen.
P.108 Gustaf Gründgens como Fausto, 1957. P.114 Leonardo da Vinci, *Anatomical Study of the*
Skull, *c.* 1489. Royal Library, Windsor. P.118 Ilustração de Goethe para a *Teoria das cores*, 1810.
P.122 Odilon Redon, *Obsession*, 1894. The Art Institute of Chicago. P.126 Odilon Redon, *Large*
Landscape, 1881. Coleção particular, cortesia de Wolfgang Werner, Bremen. P.130 Cartão postal
da Taberna Auerbach, 1930. P.136 Leonardo da Vinci, *Drawings and Notes on Perpetual Motion*,
c. 1495. Biblioteca Ambrosiana, Milão. P.140 Eugène Delacroix, *Mephistopheles in the Sky at*
Dusk, 1828. The Art Institute of Chicago. P.142 Gravura retratando Sophie Schütz-Höffert
como Margarida e Eduard Schütz como Fausto. P.146 Gustav Kölle, do livro *Opern-Typen*, *c.* 1870.
Berlim. P.148 J.Böhme, *Drey Principia*, Amsterdã, 1682. P.150 Goethe, *Esboço para Fausto I*,
Noite de Walpurgis. P.154 Frontispício de Heinrich Heine, *Der Doktor Faust*, 1851. Hamburgo.
P.156 Odilon Redon, *Sorrow*, *c.* 1893. The Museum of Fine Arts, Gifu, Japão. P.162 Eugène Dela-
croix, *Faust and Mephistopheles in the Harz Mountains* [detalhe], 1828. The Art Institute of
Chicago; Eugène Delacroix, *Mephistopheles Visits Martha* [detalhe], 1828. The Art Institute
of Chicago. P.168 Otto Baumberger, *XXVIII Illustration en zu Goethes Faust*, Zurique, edição
do autor, 1966. P.170 Esboço de Goethe para uma ilustração da *Teoria das cores*. P.178 Odilon
Redon, *Melancholy*, 1876. The Art Institute of Chicago. P.180 Eugène Delacroix, ilustração para
o *Fausto* de Goethe. P.184 Hans Wildermann, *No jardim de Martha*, 1919. P.188 Propaganda
do Champagne Mercier, 1913. P.192 Foto do filme de *Faust* de F. W. Murnau, 1926. P.194
Therese Affolter como Margarida, 1977. P.198 Tony Johannot, *No cárcere*, 1847. P.200 Leonardo
da Vinci, *Anatomical Studies of Embryonic Development*, *c.* 1510-13. Royal Library, Windsor.